

Mulheres brutalmente torturadas.

Um padrão que as liga a todas.

A caça ao homem já começou.

KARIN SLAUGHTER

30 milhões de livros vendidos

Génesis

«Intenso
e viciante.»

«Inteligentemente
aterrador.»

«Tensão
perturbadora.»

Tradução de Pedro Garcia Rosado

TOP
SEL
LER

*Para os meus leitores...
Obrigada por confiarem em mim.*

PRÓLOGO

Eram casados há precisamente quarenta anos e Judith ainda achava que nada sabia sobre o marido. Quarenta anos a fazer o jantar para Henry, quarenta anos a engomar-lhe as camisas, quarenta anos a dormir na cama dele, e o marido ainda era um mistério. Talvez fosse por isso que ela continuava a fazer-lhe todas essas coisas, com poucas, ou nenhuma, queixas. Havia muito a dizer de um homem que, ao cabo de quarenta anos, ainda lhe conseguia prender a atenção.

Judith baixou o vidro da janela do carro, deixando entrar o ar frio e primaveril. A baixa de Atlanta ficava só a meia hora de caminho, mas aqui em Conyers ainda se conseguiam encontrar zonas de terra virgem e até pequenas quintas. Era um local calmo e Atlanta ficava à distância certa para ela poder apreciar a paz e o sossego. Apesar disso, Judith suspirava ao vislumbrar os arranha-céus da cidade no horizonte longínquo, enquanto pensava: *Estou em casa.*

Surpreendia-se, às vezes, ao encarar Atlanta como a cidade que já considerava como sua e onde era a sua casa. A sua vida fora até há pouco tempo suburbana, até mesmo rural. Preferia os espaços abertos aos passeios de cimento da cidade, apesar de reconhecer que era agradável viver num sítio tão central, que uma pequena loja ou um café podiam ficar ao alcance de apenas alguns passos, se lhe apetecesse lá ir.

Passavam-se dias em que nem precisava de entrar num carro — era o tipo de vida com que nunca sonharia dez anos antes. E percebia que Henry sentia o mesmo. Os ombros dele pareciam apertar-se à volta do pescoço com uma determinação bem firme enquanto manobrava o *Buick* por uma estreita estrada rural. Depois de décadas a conduzir por praticamente todas as autoestradas e vias rápidas do país, ele conseguia conhecer de instinto todas as estradas secundárias, todos os desvios e todas as curvas.

Judith confiava nele para chegarem a casa em segurança. Descontraída no seu lugar, ia olhando pela janela, deixando que aos seus olhos a paisagem ganhasse formas nebulosas e as árvores que bordejavam a estrada parecessem uma floresta espessa. Fazia a viagem para Conyers pelo menos uma vez por semana e sentia sempre que via qualquer coisa de novo — uma pequena casa em que não reparara, uma ponte por onde muitas vezes passara aos solavancos, mas a que nunca prestara atenção. A vida é assim. Uma pessoa nunca se apercebe bem do que se passa à sua volta até abrandar e ver com maior clareza.

Regressavam de uma festa de aniversário de casamento que o filho organizara em honra deles. Bem, o mais provável era ter sido organizada pela nora, que lhe geria a vida como secretária executiva, governanta, babysitter, cozinheira e — era o que se poderia supor — concubina, tudo concentrado numa só pessoa. Tom fora uma surpresa cheia de alegria, num nascimento que os médicos diziam a Judith que nunca aconteceria. Judith gostara dele desde o primeiro momento, aceitando-o como uma dádiva que adoraria com todo o seu ser. Fizera tudo por ele e, agora que Tom chegara aos 30 anos, ainda parecia precisar muito de alguém que tomasse conta dele. Talvez Judith tivesse sido uma esposa demasiado convencional e uma mãe demasiado subserviente, fazendo com que o filho fosse o tipo de homem que precisava — ou esperava — que uma mulher fizesse tudo por ele.

Mas Judith nunca se deixara escravizar por Henry. Haviam-se casado em 1969, numa época em que as mulheres já se podiam interessar por outras coisas que não a melhor maneira de cozinhar a perfeita carne assada ou de descobrir o método mais apropriado para tirar as manchas da carpete. Desde o início que Judith decidira tornar a sua vida o mais interessante possível. Colaborara nas atividades da escola de Tom. Fizera trabalho voluntário no centro de acolhimento local de pessoas sem-abrigo e ajudara a lançar um grupo de reciclagem no bairro. Quando Tom cresceu, Judith arranjou um trabalho mais ligeiro de contabilista, numa empresa local, e juntou-se a um grupo de atletismo da paróquia que treinava para maratonas. Este estilo ativo de vida contrastava vivamente com o da sua própria mãe, que, no final da vida, se encontrava tão esgotada por ter criado nove filhos e tão exausta pelas exigências físicas da sua função de mulher de agricultor, que havia dias em que se sentia de tal modo deprimida que nem sequer conseguia falar.

Embora — reconhecesse Judith — ela própria tivesse sido no início uma mulher de certa forma típica. Era embaraçoso admiti-lo mas

começara por ser uma dessas raparigas que iam para a universidade com o fim específico de encontrar um marido. Crescera numa povoação tão pequena, perto de Scranton, na Pensilvânia, que nem merecia uma menção no mapa. Os únicos homens disponíveis eram agricultores que dificilmente se interessavam por ela. Judith não os levava a mal. O espelho não lhe mentia: era um pouco gorducha, com os dentes um pouco saídos à frente e um pouco de tudo o resto, longe de conseguir ser o tipo de mulher que os homens de Scranton queriam ter como esposa. E depois havia o pai dela, disciplinador rigoroso que nenhum homem bom da cabeça querería ter como sogro, sobretudo em troca de uma rapariga em forma de pera e com dentes de coelho e sem qualquer tipo de talento para a agricultura.

A verdade é que Judith fora sempre a ovelha negra da família, a rapariga que não encaixava lá muito bem. Lia demais. Odiava o trabalho da quinta. Mesmo em miúda não se sentia atraída por animais e não queria ter a responsabilidade de tratar deles e de os alimentar. Nenhum dos seus irmãos havia ido para a faculdade. Dois dos irmãos deixaram a escola depois do nono ano e uma irmã mais velha casara-se depressa demais e sete meses depois dera à luz o primeiro filho. Também nessa altura ninguém se pôs a fazer contas. Enleada num estado de negação permanente, a mãe comentara sempre, até ao fim da sua vida, que o seu primeiro neto sempre fora bem-constituído, mesmo em criança. Felizmente o pai de Judith percebera a tempo o que ia acontecer à filha do meio. Não haveria um casamento de conveniência com nenhum dos rapazes locais até porque nenhum deles a achava, sequer vagamente, conveniente. Ir para uma escola religiosa e talvez mesmo para freira, decidiu o pai, não seria só a sua última hipótese mas também a única.

Aos 6 anos Judith fora atingida num olho por um fragmento que saltou das rodas do trator quando ia a correr atrás dele. A partir dessa altura teve sempre de usar óculos. As pessoas começaram a partir do princípio de que ela era intelectual por causa dos óculos, quando, na verdade, era o oposto. É certo que ela gostava muito de ler, mas os seus gostos pendiam mais para a literatura de cordel do que para obras mais literárias. Apesar disso, a etiqueta de «intelectual» colou. E o que é que se costumava dizer? «Os homens não gostam de caixas de óculos.» Portanto, foi uma surpresa — dir-se-ia até um choque — quando, no primeiro dia da faculdade, na sua primeira aula, o professor assistente lhe piscou o olho.

Judith ainda pensou que ele poderia ter alguma coisa no olho, mas não havia que enganar quanto às intenções de Henry Coldfield quando,

depois da aula, a chamou de parte e lhe perguntou se queria ir com ele ao snack-bar beber um refresco. A piscadela de olho era, aparentemente, o princípio e o fim da sua sociabilidade. Henry era até um homem muito tímido, o que não deixava de ser estranho, considerando que chegou a ser o melhor vendedor de uma empresa de distribuição de bebidas alcoólicas, emprego que continuava a desprezar mesmo depois de já se ter reformado há três anos.

Judith pensava que a capacidade de Henry se ligar ao meio onde se encontrava provinha do facto de ser filho de um coronel do Exército, sempre deslocado de um sítio para outro em todo o país, sem nunca ficar mais do que alguns anos na mesma base militar. Não houve nenhum amor à primeira vista — na realidade, foi só depois. De início Judith sentiu-se apenas seduzida pelo facto de Henry se sentir atraído por ela. Era uma novidade para a rapariga em forma de pera oriunda de Scranton, mas Judith vivera sempre no extremo oposto da filosofia de Marx — de Groucho, não de Karl: estava disposta a fazer parte de qualquer clube que a aceitasse como membro.

Henry, só por si, era um clube. Não era bonito nem feio; não era ousado nem reticente. Com um risco ao meio muito bem desenhado no cabelo e um sotaque indistinguível, a melhor maneira de o descrever seria considerá-lo *normal*, como fez Judith numa carta para a sua irmã mais velha, Rosa. A resposta de Rosa fora algo como: «Bem, suponho que deve ser o melhor que podes arranjar.» Para sua defesa, Rosa encontrava-se nessa altura grávida do terceiro filho, enquanto o segundo ainda andava de fraldas, mas, apesar disso, Judith nunca perdoou Rosa pela descortesia — não dirigida a ela, mas a Henry. Se Rosa não conseguia perceber quão especial Henry era, só podia ser por Judith não ser grande coisa em matéria de escrita e Henry ter demasiadas nuances para poder ser descrito apenas em algumas linhas de uma página. Mas talvez fosse melhor. A amarga observação de Rosa deu a Judith um motivo para se separar da família e entregar-se a este desconhecido introvertido, temperamental e dado a piscadelas de olho.

A timidez social de Henry foi apenas a primeira de muitas dicotomias que Judith observaria no marido ao longo dos anos. As alturas aterrorizavam-no, mas obtivera uma licença de piloto amador em adolescente. Vendia álcool, mas nunca bebia. Era muito caseiro, mas passara a maioria da sua vida de adulto a viajar pelo Noroeste e depois pelo centro do país, enquanto as promoções os obrigavam a andar por todo o lado, como o Exército fizera quando Henry era miúdo. A vida dele — assim parecia

— movia-se pela necessidade que ele sentia de fazer as coisas que não queria fazer. E, no entanto, dizia muitas vezes a Judith que a companhia dela era verdadeiramente a única coisa de que gostava.

Quarenta anos e tantas surpresas.

Para Judith, no entanto, e até pensava nisso com alguma tristeza, o filho não devia proporcionar muitas surpresas à sua própria mulher. Enquanto Tom ia crescendo, Henry andava por fora durante três semanas em cada quatro e a sua atividade de pai fazia-se aos solavancos, o que também não lhe realçava a sua faceta mais bondosa. Por isso, Tom tornara-se tudo aquilo que o pai lhe mostrara durante os seus anos de crescimento: estrito, inflexível, obstinado.

E havia mais qualquer coisa. Judith não sabia se era por Henry ver o seu trabalho de vendedor como uma obrigação para com a família e não como uma paixão, ou por detestar andar tanto tempo fora de casa, mas parecia que cada interação que mantinha com o filho trazia consigo uma tensão inerente: «Não cometas os mesmos erros que eu. Não te deixes encurralar num emprego que desprezas. Não ponhas em causa as tuas convicções só para poderes pôr comida na mesa.» A única coisa positiva que recomendara ao rapaz era um casamento com uma boa mulher. Se tivesse sido mais específico, se não tivesse sido tão duro...

Porque é que os homens são pais tão exigentes para com os seus filhos rapazes? Judith calculava que talvez fosse pelo desejo de verem os filhos terem êxito onde eles não haviam conseguido. Nesses primeiros tempos, quando Judith ficou grávida pela primeira vez, a ideia de uma filha fizera alastrar velozmente um calor muito vivo por todo o seu corpo, a que logo se seguiu um frio lancinante. Uma rapariga como ela, sozinha no mundo, a desafiar a mãe e o mundo? Foi o que lhe permitiu compreender o desejo de Henry de ver Tom ir mais longe do que ele, de ser melhor, de ter tudo o que ele desejara e muito mais.

Tom fora sem dúvida bem-sucedido no seu emprego, mas a mulher, timorata, era uma decepção. Cada vez que Judith se via cara a cara com a nora ardia de vontade de lhe dizer que fosse assertiva, que dissesse o que pensava e que, por amor de Deus, arranjasse uma coluna vertebral. Uma das voluntárias da igreja dissera uma semana antes que os homens se casavam com a «imagem» das suas mães, mas Judith, que não reba-tera a afirmação, desafiaria quem quer que fosse a encontrar um átomo de semelhança entre ela e a mulher do seu filho. Não fosse o seu desejo de estar com os netos e Judith sentir-se-ia perfeitamente feliz se nunca mais avistasse a nora.

Os netos, afinal, haviam sido o único motivo que os fizera mudarem-se para Atlanta. Ela e Henry haviam cortado as amarras da sua vida de reformados no Arizona para se mudarem para esta cidade escaldante a mais de três mil quilómetros de distância, com alertas de nevoeiro e poluição e conflitos mortíferos entre gangues, só para poderem estar mais perto de duas das mais mimadas e ingratas criaturinhas que existiam deste lado dos montes Apalaches.

Judith olhou de relance para Henry, que tamborilava com os dedos no volante enquanto trauteava qualquer coisa em silêncio. Nunca falavam dos netos, a não ser com expressões de entusiasmo, talvez por um assomo de sinceridade lhes poder fazer ver que, afinal, nem gostavam assim tanto deles. E, nesse caso, o que é que lhes restaria? Viraram as suas vidas do avesso por duas criancinhas que viviam de dietas sem glúten, sextas severamente controladas e períodos de brincadeira guiados por uma agenda apertada que só permitia o convívio com «crianças semelhantes que partilhavam os mesmos objetivos».

Tanto quanto Judith podia ver, o único objetivo dos netos era serem o centro de todas as atenções. Pensava que não era possível a uma criança espirrar se não encontrasse outra criança semelhante e egocêntrica como ela, mas, segundo a sua nora, era uma tarefa quase impossível. E não era esse o único fito da juventude — ser-se egocêntrico? E não seria uma tarefa dos pais evitarem que isso acontecesse? Bem, parecia evidente para todos os envolvidos que não era uma tarefa dos avós.

Quando o pequeno Mark despejou o sumo não pasteurizado nas calças de Henry e Lilly comeu um número considerável de bombons *Hershey's Kisses* que encontrara na mala de Judith, fazendo lembrar a cena de uma sem-abrigo que andava já tão dependente das metanfetaminas que até se urinava pelas pernas abaixo, os avós limitaram-se a sorrir — a rir, até — como se assistissem apenas a inofensivos e maravilhosos caprichos de que as criancinhas se libertariam em breve.

Mas o «em breve» nunca mais chegava e agora que eles estavam com 7 e 9 anos Judith começava a perder a fé de que, um dia, os seus netos se transformassem em jovens adultos bem-educados e amorosos que não sentissem a necessidade de interromper constantemente a conversa dos adultos e de correr pela casa toda a berrar em decibéis tão elevados, que incitavam os animais dos dois ou três condados mais próximos a uivar. O único consolo de Judith era o facto de Tom os levar à igreja todos os domingos. Judith queria, naturalmente, que os netos tivessem uma vida influenciada por Jesus Cristo, mas queria sobretudo que eles

aprendessem as lições dadas na catequese: *Honra a tua mãe e o teu pai. Faz aos outros o que gostarias que te fizessem. Não penses que vais dar cabo da tua vida, deixar de estudar e ir para casa dos avós um dia destes.*

— Eh! — gritou Henry para um carro que vinha em sentido contrário e que passou tão rente, que o *Buick* até abanou. — Miúdos! — resmungou, agarrando o volante com mais força.

Quanto mais se aproximava dos 70 anos, mais Henry parecia mergulhar no papel de velho rabugento. Às vezes era enternecedor, mas havia momentos em que Judith até se interrogava quanto tempo faltaria para ele começar a agitar os punhos no ar e a culpar os «miúdos» por todos os males do mundo. As idades desses miúdos pareciam situar-se algures entre os 4 e os 40 anos e a sua irritação aumentava exponencialmente quando os apanhava a fazer qualquer coisa que ele também costumava fazer, mas a que agora já não achava graça. Judith nem queria pensar no dia em que lhe tirariam a licença de pilotagem, o que iria acontecer mais cedo do que tarde, tendo em conta que o último exame feito pelo cardiologista revelara algumas irregularidades. Fora um dos motivos que os levara para o Arizona, onde não havia neve para limpar ou relva para cuidar.

— Parece que vai chover — comentou Judith.

Henry inclinou o pescoço para poder ver as nuvens.

— É uma boa noite para começar a ler o livro.

Os lábios dele enrugaram-se num sorriso. Henry oferecera-lhe um romance histórico bem volumoso no aniversário de casamento. E Judith presenteara-o com uma nova caixa térmica para ele levar para o golfe.

Semicerrando os olhos em direção à estrada, mais uma vez, Judith decidiu que iria fazer um novo exame aos olhos. Já tinha quase 70 anos e os olhos pareciam piorar a cada ano que passava. A penumbra era uma altura especialmente má para ela e a visão tendia a tornar indistintos os objetos situados a maior distância. Foi por isso que piscou os olhos várias vezes antes de ter a certeza do que via e só abriu a boca para avisar Henry quando o animal já estava mesmo à frente deles.

— Jude! — gritou Henry, disparando o braço contra o peito de Judith ao guinar o volante para o lado esquerdo, evitando colidir com o pobre animal. Judith pensou, estranhamente, em como os filmes estavam certos. Desenrolava-se tudo mais lentamente do que era habitual, com cada segundo a arrastar-se de tal modo, que o tempo parecia uma eternidade. Sentiu o braço forte de Henry a tocar-lhe no peito, o cinto de segurança a morder-lhe os ossos da bacia. A cabeça foi atirada para o lado, embatendo

na porta quando o carro mudou de rumo. O para-brisas estalou com o choque do animal, que depois bateu no tejadilho e ainda na parte de trás. Foi só quando o carro parou, num estremeção, rodando 180 graus em plena estrada, que os sons chegaram aos ouvidos de Judith: o *crac* — *tunc* — *tunc* a que se sobrepôs um grito tão estridente, que ela percebeu que lhe saía da própria boca. Deve ter ficado em choque porque Henry teve de lhe gritar várias vezes — «Judith! Judith!» — até ela parar de gritar.

A mão de Henry agarrava-lhe o braço com força, irradiando dor até ao ombro. Judith fez-lhe uma festa na mão e disse-lhe: «Estou bem. Estou bem.» Os óculos pendiam-lhe de lado, a visão parecia-lhe nebulosa. Levou os dedos ao lado da cabeça e sentiu qualquer coisa húmida e pegajosa. Quando baixou a mão, viu que era sangue.

— Deve ter sido um veado ou... — Henry levou a mão à boca, interrompendo-se. Parecia calmo, à exceção da agitação que lhe fazia subir e descer o peito enquanto tentava recuperar o fôlego. O airbag rebentara. O rosto cobrira-se de um pó branco muito fino.

Judith olhou para a frente e nem conseguiu respirar. Havia sangue espalhado pelo para-brisas como se fosse uma chuva súbita e forte.

Henry empurrou a porta mas não saiu. Judith tirou os óculos para limpar os olhos. Ambas as lentes estavam partidas e a parte de baixo da lente bifocal do lado direito desaparecera. Viu como os óculos estremeçiam e percebeu que o tremor era das suas próprias mãos. Henry saiu do carro e Judith obrigou-se a pôr os óculos e a segui-lo.

A criatura estava na estrada, com as pernas ainda a mexerem-se. Judith sentiu uma dor na cabeça provocada pelo embate na porta. O sangue cobria-lhe os olhos. Era a única explicação para o animal — um veado, seguramente — lhe parecer ter as pernas brancas e bem torneadas de uma mulher.

— Oh, Santo Deus — murmurou Henry. — É... Judith, ... É...

Judith ouviu um carro atrás dela. Os pneus chiaram no asfalto. Abriam-se e fecharam-se portas. Dois homens juntaram-lhes na estrada e um deles correu para o animal.

— Liguem para o 911! — gritou, ajoelhando-se ao lado do corpo. Judith deu um passo em frente, aproximou-se e depois aproximou-se ainda mais. As pernas mexeram-se outra vez — eram as pernas perfeitas de uma mulher. Completamente nua. Na parte de dentro das coxas revelava nódoas negras, muito escuras. Nada recentes. À volta das pernas havia sangue coagulado. Parecia ter uma tira vermelho-escura no tronco. Num dos lados via-se um rasgão que mostrava o branco do osso. Judith

olhou de relance para o rosto. O nariz estava torto, os olhos inchados e os lábios rasgados. O cabelo escuro estava coberto de sangue, formando uma poça à volta da cabeça como uma auréola.

Judith aproximou-se ainda mais, incapaz de parar — era, agora, uma voyeur, depois de uma vida inteira a desviar os olhos. Pisou vidro e o ruído fez com que os olhos da mulher se abrissem de repente num assomo de pânico. Os seus olhos procuraram um ponto para lá de Judith, apesar de estarem baços e nem parecerem ter vida. Fecharam-se depois, tão subitamente como se haviam aberto, mas Judith já não conseguiu impedir o estremecimento que a abalou dos pés à cabeça. Era como se alguém tivesse passado por cima da sua sepultura.

— Santo Deus — murmurou Henry, quase como numa prece. Judith voltou-se e viu o marido a levar a mão ao peito. Os nós dos dedos estavam brancos. Olhou para a mulher caída na estrada, parecendo prestes a perder a consciência. — Como é que isto aconteceu? — sussurrou, o rosto retorcido pelo terror. — Como é que isto pôde acontecer?

O PRIMEIRO DIA

UM

Sara Linton recostou-se na cadeira, murmurando um suave «Sim, mamã» para o telemóvel. Perguntou a si própria, por instantes, se haveria algum momento, um dia sequer, em que isto lhe parecesse novamente normal, em que uma conversa telefónica com a mãe lhe desse a felicidade que já lhe havia dado, em vez de ser algo que lhe arrancava um pedaço do coração do peito.

— Querida — disse-lhe a mãe, Cathy, num tom reconfortante —, está tudo bem. Tudo o que eu e o teu pai precisamos de saber é se tomas bem conta de ti.

Sara sentiu os olhos a encherem-se-lhe de lágrimas. Não seria a primeira vez que choraria na sala dos médicos do Hospital de Grady, mas já se sentia cansada de chorar. Aliás, sentia-se cansada de *sentir*, na realidade. Não seria esse o motivo que a fez deixar a família e a sua vida da Geórgia rural para se mudar para Atlanta? Para não ter de se lembrar mais, e a toda a hora, do que se passara antes?

— Promete-me que vais à igreja na próxima semana.

Sara murmurou qualquer coisa que poderia soar como uma promessa. Mas a mãe não era tonta e ambas sabiam que a probabilidade de Sara aparecer na igreja no Domingo de Páscoa era altamente improvável e, por isso, Cathy não insistiu.

Sara olhou para a pilha de fichas à sua frente. O turno estava a chegar ao fim e precisava de deixar as suas indicações.

— Mamã, desculpa, mas tenho de desligar.

Cathy conseguiu extrair-lhe a promessa de outro telefonema na semana seguinte e depois desligou. Sara ainda ficou a segurar no telemóvel por alguns minutos, observando os números que iam desaparecendo, com o polegar a passear pelo sete e pelo cinco, inserindo um número que lhe

era familiar sem no entanto fazer a chamada. Enfiou o telemóvel no bolso e sentiu o toque da carta nas costas da mão.

A carta. Pensava nela como uma entidade com vida.

Sara verificava normalmente o correio depois do trabalho, para não ter de andar com a correspondência atrás, mas uma manhã, por um qualquer motivo desconhecido, viu o correio ao sair. Foi tomada por um suor frio ao reconhecer o endereço do remetente no envelope branco. Meteu o envelope por abrir no bolso da bata ao sair para trabalhar, pensando que a poderia ler ao almoço. Mas a hora do almoço chegou e passou e a carta ficou por abrir, viajando com ela de regresso a casa e depois, na manhã seguinte, foi outra vez para o hospital. Passaram-se meses e a carta continuou a ir para todo o lado com ela, por vezes no bolso do casaco, outras na mala com que ia às compras ou tratar de outros assuntos. Transformou-se num talismã e, frequentemente, Sara punha a mão no bolso e tocava-lhe, só para se lembrar de que ela continuava consigo.

Com o tempo, os cantos do envelope selado tinham começado a dobrar-se e o carimbo de correio do condado de Grant começara a perder a cor. Cada dia que passava afastava Sara ainda mais de abrir a carta e descobrir o que poderia querer dizer-lhe a mulher que lhe matara o marido.

— Dra. Linton? — Mary Schroder, uma das enfermeiras, bateu à porta. — Temos uma mulher inconsciente, de 33 anos, fraca e cuja vida está por um fio — avisou.

Sara olhou para as fichas e depois para o relógio. Uma mulher de 33 anos que ficara inconsciente já no hospital e mesmo antes de dar entrada nas Urgências era um enigma que demoraria algum tempo a decifrar. Eram quase sete horas. E o turno dela terminaria dentro de dez minutos.

— O Krakauer não pode tratar dela? — perguntou.

— Mas ele *tratou* dela — replicou Mary. — Mandou que lhe fizessem um painel metabólico completo e depois foi ao café com a bimba nova. — Era, obviamente, um assunto que a perturbava. — A doente é polícia.

O marido de Mary era polícia; não era surpreendente, tendo em conta que ela trabalhava nas Urgências do Hospital de Grady há quase vinte anos. Mesmo que não fosse, era do conhecimento geral em todos os hospitais do mundo que qualquer elemento de uma organização policial devia receber o melhor tratamento e o mais rápido que fosse possível. Aparentemente, Otto Krakauer não recebera o memorando.

Sara cedeu. E perguntou:

— Há quanto tempo é que ela perdeu a consciência?

— Ela diz que foi há um minuto. — Mary abanou a cabeça, porque os pacientes não eram capazes de ser os repórteres mais honestos quando se tratava da sua saúde. — Ela não parece nada bem.

Foi esta última frase que arrancou Sara da cadeira. Grady era o único centro de trauma de nível 1 na região e, ao mesmo tempo, um dos poucos hospitais públicos da Geórgia. As enfermeiras de Grady lidavam quase todos os dias com acidentes de automóveis, tiroteios, apunhalamentos, overdoses e toda a espécie de crimes contra a humanidade. Já tinham o olho treinado para identificar com facilidade os problemas graves. E, naturalmente, os polícias não vão ao hospital a não ser quando estão às portas da morte.

Sara examinou por alto a ficha da mulher enquanto atravessava as Urgências. Otto Krakauer não fizera mais do que registrar o historial clínico e mandar fazer análises, pelo que Sara ficou de imediato a perceber que não havia um diagnóstico óbvio. Faith Mitchell era uma mulher saudável de 33 anos, sem qualquer episódio clínico anterior nem nenhum trauma, com exceção do que agora experienciara. Era de esperar que as análises lhes dessem uma melhor noção do que se passava.

Sara murmurou um pedido de desculpas ao embater numa maca no corredor. Como habitualmente, havia gente a mais nas salas e os pacientes ficavam quase empilhados nos corredores, alguns acamados, outros em cadeiras de rodas, todos eles com um aspeto mais desgraçado do que provavelmente teriam à chegada. A maioria devia ter chegado logo a seguir ao trabalho, por não poderem perder o salário de um dia. Viram a bata branca de Sara e chamaram-na, mas Sara ignorou-os, de olhos postos na ficha.

— Já vou ter consigo. Está na três — avisou-a Mary, antes de se deixar agarrar por uma mulher idosa numa maca.

Sara bateu à porta aberta da sala de exames número três. A privacidade era outro benefício concedido aos polícias. Uma mulher loura e baixa encontrava-se sentada na beira da cama, vestida dos pés à cabeça e claramente irritada. Mary era uma boa médica, mas um cego podia ver que Faith Mitchell não estava nada bem. Tinha o rosto pálido como o lençol da cama e, mesmo à distância, percebia-se que a pele parecia húmida e pegajosa.

O marido, que andava para trás e para a frente, também não ajudava. Era um homem atraente, com pelo menos um metro e noventa de altura e de cabelo louro claro, cortado muito curto. Uma cicatriz irregular percorria-lhe a face, talvez resultante de algum acidente de infância em que

a cara deve ter deslizado pelo chão da rua debaixo da bicicleta ou ao longo de um campo de jogos de terra batida. Era magro, seco de carnes e devia correr. O fato completo, com colete, revelava-lhe o peito e os ombros largos, próprios de alguém que passa muito tempo no ginásio.

Detendo-se, olhou para Sara e depois para a mulher e outra vez para Sara.

— Onde é que está o outro médico? — perguntou.

— Foi chamado para uma emergência. — Sara foi lavar as mãos. — Sou a Dra. Linton. Pode pôr-me a par do que se passou? O que foi que aconteceu?

— Ela desmaiou — respondeu ele, rodando nervosamente a aliança à volta do dedo. Pareceu aperceber-se do tom frenético que o dominava e moderou-se. — Nunca tinha desmaiado.

Faith Mitchell parecia ofendida pela preocupação que ele demonstrava.

— Estou bem — retorquiu-lhe, voltando-se depois para Sara. — Tal como disse ao outro médico. Sinto-me engripada. É só isso.

Sara tomou-lhe o pulso e verificou a pulsação.

— Como se sente agora? — perguntou.

Faith olhou para o marido e respondeu:

— Chateada.

Sara sorriu, examinou-lhe os olhos com a ajuda de uma pequena lanterna, verificou-lhe a garganta e fez-lhe perguntas sobre o seu estado físico, sem encontrar nada de alarmante. Concordou com a avaliação inicial de Krakauer: Faith devia estar apenas um pouco desidratada. O coração parecia em bom estado e não havia sinais de ter sofrido alguma convulsão.

— Bateu com a cabeça ao cair? — perguntou-lhe.

Faith abriu a boca para responder, mas o homem interrompeu-a:

— Foi no parque de estacionamento. Bateu com a cabeça no chão.

— Tem tido alguns problemas? — perguntou Sara à mulher.

— Dores de cabeça — respondeu Faith. Mas parecia esconder qualquer coisa, mesmo quando acrescentou mais pormenores. — Não comi praticamente nada hoje. Senti-me um pouco enjoada esta manhã. E ontem de manhã.

Sara abriu uma das gavetas à procura de um martelo neurológico para lhe examinar os reflexos, mas não encontrou nada.

— Perdeu ou ganhou peso recentemente? — perguntou.

Faith respondeu «Não», enquanto o marido respondia «Sim».

O homem pareceu consternado mas acrescentou:

— Mas fica-te bem.

Faith respirou fundo, lentamente. Sara olhou para o homem de forma minuciosa novamente, concluindo que poderia ser contabilista ou advogado. Voltara a cabeça para a esposa e Sara notou-lhe outra cicatriz, mais fina, por cima do lábio superior. Não era notoriamente uma incisão cirúrgica. A pele fora cosida desajeitadamente e a cicatriz vertical, entre o lábio e o nariz, era algo irregular. Talvez tivesse praticado pugilismo na faculdade ou talvez sido agredido muitas vezes na cabeça, mas era evidente que não sabia que a melhor maneira de sair de um buraco é parar de cavar.

— Faith — continuou ele —, acho que esse peso extra te fica muito bem. Agentas perfeitamente...

Ela calou-o com um olhar.

— Muito bem — disse Sara em seguida, escrevendo algumas instruções na ficha. — Precisamos de fazer uma radiografia à cabeça e eu gostaria de poder fazer mais algumas análises. Não se preocupe que podemos utilizar as amostras de sangue que já foram tiradas e não há necessidade de mais agulhas por agora. — Escreveu mais uma nota e depois assinalou alguns quadrados e olhou para Faith. — Prometo-lhe que vamos apressar isto o mais que pudermos, mas, como pôde ver, temos a casa cheia hoje. As radiografias estão com um atraso de pelo menos uma hora. Vou ver o que posso fazer, mas talvez seja melhor entreter-se com um livro ou com uma revista enquanto espera.

Faith não respondeu mas houve qualquer coisa que se alterou na sua postura. Olhou para o marido e depois outra vez para Sara.

— Quer que assine alguma coisa? — perguntou, indicando a ficha.

Não havia nada para assinar, mas Sara passou-lhe a ficha. Faith escreveu qualquer coisa no fundo da página e devolveu-a à médica. E Sara leu as duas palavras: *Estou grávida*.

Acenando afirmativamente com a cabeça, Sara rasurou o pedido de radiografia. Era óbvio que ela ainda não contara ao marido, mas havia agora um conjunto diferente de perguntas que Sara precisava de lhe fazer e não podia sem divulgar a informação.

— Quando foi a última vez que fez um papanicolau?

Faith pareceu compreender e respondeu:

— No ano passado.

— Vamos tratar disso, já que aqui está — decidiu Sara, voltando-se para o homem. — Pode esperar lá fora.

— Ah... — Pareceu surpreso, mesmo enquanto assentia com a cabeça. — Está bem — concordou, voltando-se para a mulher. — Estou na sala de espera se precisares de mim.

— Está bem — replicou Faith, vendo-o sair, de ombros ligeiramente curvados mas aliviado, enquanto a porta se fechava. — Importa-se que me deite? — perguntou à médica.

— Claro que não. — Sara ajudou-a a deitar-se mais confortavelmente, pensando que Faith aparentava ter menos de 33 anos. Mas ainda conservava a atitude de polícia — o ar muito sério, a postura de não-me-lixes dos ombros erguidos. O marido-advogado fazia um par estranho com ela, mas Sara já havia encontrado outros casais ainda mais estranhos. — Está de quanto tempo? — perguntou à mulher.

— Cerca de nove semanas.

Sara tomou mais uma nota.

— É o que calcula ou já foi ao médico?

— Fiz um teste de gravidez em casa — respondeu, para depois se corrigir. — Aliás, fiz três. Nunca me atraso.

Sara juntou às suas indicações um teste de gravidez.

— E quanto ao aumento de peso? — perguntou em seguida.

— Quatro quilos e meio — confessou Faith. — Tenho andado um pouco descontrolada com a comida desde que descobri.

Na experiência de Sara, quatro quilos e meio significavam normalmente sete.

— Tem mais filhos?

— Um. Jeremy. Dezoito.

Sara tomou nota, murmurando:

— Que sortuda! Está a caminho dos terríveis 2 anos.

— São mais os terríveis 20. O meu filho tem 18 anos, não meses.

Sara voltou atrás, examinando o historial de Faith.

— Eu faço-lhe as contas — sugeriu Faith. — Engravidei aos 14 anos. Tive o Jeremy aos 15.

Já não havia muito que surpreendesse Sara, mas Faith Mitchell conseguiu surpreendê-la.

— Teve algumas complicações com a sua primeira gravidez?

— Além de a minha história poder servir de base para o argumento de um filme inspirado na vida real? — Faith abanou a cabeça. — Nenhuma.

— Muito bem — concluiu Sara, pousando a ficha e olhando para Faith com toda a atenção. — Vamos falar do que aconteceu esta noite.

— Ia a caminho do carro. Senti-me um pouco tonta e só me lembro de vir no carro para aqui com o Will ao volante.

— Tonta do género de ver tudo a andar à volta ou com tonturas de cabeça vazia?

Faith pensou um pouco antes de responder:

— Cabeça vazia.

— Viu clarões de luz ou sentiu sabores estranhos na boca?

— Não.

— O Will é o seu marido?

Faith até se riu.

— Meu Deus! Não! — Deu uma nova risada de incredulidade. — O Will é o meu colega, é com quem trabalho. Chama-se Will Trent.

— E o detetive Trent está cá? Posso falar com ele?

— Agente especial. Mas já falou. Ele saiu agora mesmo.

Sara ficou confusa.

— O homem que saiu daqui é polícia?

Faith riu-se.

— É do fato. Não é a primeira pessoa a pensar que ele é um cangalheiro.

— Pensei que fosse advogado — confessou Sara, pensando que nunca encontrara ninguém na vida que se parecesse tão pouco com um polícia.

— Tenho de lhe dizer que pensou que ele era advogado. Ficaré satisfeito por saber que o viu como um homem culto.

Pela primeira vez, Sara notou que a mulher não tinha aliança.

— Portanto, o pai é... — começou.

— Alguém que aparece e desaparece. — Faith não pareceu ficar embaraçada com o que acabara de dizer, embora Sara também pensasse que não haveria muita coisa que pudesse embaraçar uma mulher que fora mãe aos 15 anos. — Preferia que o Will não soubesse. Ele é muito... — Parou a meio da frase. Fechou os olhos e premiu os lábios. A testa cobriu-se-lhe de suor.

Sara tomou-lhe outra vez o pulso.

— O que se passa?

Faith cerrou os maxilares, sem responder.

Sara já fora alvo dos vômitos de muita gente para conhecer os sinais de alerta. Foi ao lavatório molhar uma toalha de papel e disse a Faith:

— Respire fundo e expire lentamente.

Faith assim fez, sentindo os lábios a tremer.

— Tem andado irritável, ultimamente? — tornou Sara.

Apesar da situação, Faith tentou gracejar:

— Mais do que habitualmente? — Depois levou a mão ao estômago, com um ar de repente muito sério. — Sim. Nervosa. Chateada. — Engoliu em seco. — Ouço zumbidos, como se tivesse abelhas no cérebro.

Sara levou a toalha de papel fria à testa da mulher.

— Náuseas? — perguntou.

— De manhã — respondeu Faith, com dificuldade. — Pensei que fosse o enjoo matinal mas...

— E as dores de cabeça?

— São bastante mazinhas, sobretudo à tarde.

— Tem-se sentido com sede? Muito mais do que é habitual? E urina muito?

— Sim. Não. Não sei. — Faith abriu os olhos a custo. — Portanto, o que é? Gripe, cancro no cérebro ou o quê?

Sara sentou-se na beira da cama e pegou na mão da mulher.

— Oh, Deus, é assim tão mau? — perguntou Faith. Mas nem deixou a médica responder. — Os médicos e os polícias só se sentam quando têm más notícias.

Sara perguntou a si própria como é que nem reparara nesta revelação. Em todos os anos passados com Jeffrey Tolliver, pensara ter descoberto todos os seus tiques, mas este escapara-se-lhe.

— Fui casada com um polícia durante quinze anos — salientou a médica. — Nunca dei por isso, mas tem razão. O meu marido sentava-se sempre quando as notícias eram más.

— Sou polícia há quinze anos — replicou Faith. — Ele traiu-a ou tornou-se alcoólico?

Sara sentiu um aperto na garganta.

— Mataram-no há três anos e meio.

— Oh, não — disse Faith, quase parando de respirar. — Lamento muito.

— Tudo bem — respondeu Sara, interrogando-se sobre o motivo que a levava a contar este pormenor tão pessoal à mulher. A sua vida durante os últimos anos fora dedicada a não falar de Jeffrey e ei-la a partilhá-lo com uma desconhecida. Tentou aliviar a tensão. — Mas tem razão. Ele também me traiu. — Pelo menos uma vez, durante o primeiro casamento.

— Lamento muito — repetiu Faith. — Foi em serviço?

Sara não quis responder-lhe. Sentiu-se nauseada e em baixo, talvez como Faith se sentira antes de desmaiar no parque de estacionamento.

Faith aproveitou o pretexto:

— Não tem de...

— Obrigada.

— Espero que tenham apanhado o filho da puta.

Sara levou a mão ao bolso e os dedos envolveram a carta. Era a pergunta para a qual todos queriam ter uma resposta: *Apanharam-no? Apanharam o filho da puta que matou o seu marido?* Como se isso tivesse importância. Como se o facto de se saber quem matara Jeffrey pudesse aliviar a dor da sua morte.

Felizmente Mary chegou nessa altura.

— Desculpem — disse a enfermeira. — Os filhos daquela idosa deixaram-na aqui. Tive de chamar os serviços sociais. — Estendeu um papel a Sara. — São os resultados.

Sara olhou para os números do painel metabólico, franzindo o sobrolho.

— Tem o seu monitor consigo?

Mary levou a mão ao bolso e passou-lhe o monitor de glicose.

Sara limpou a ponta do dedo de Faith com álcool. O painel metabólico era extraordinariamente preciso, mas Grady era um hospital muito grande e não era incomum que o laboratório pudesse misturar amostras de sangue.

— Quando é que foi a sua última refeição? — perguntou a Faith.

— Passámos o dia no tribunal. — Faith soltou um «Merda!» quando a agulha lhe picou o dedo, mas prosseguiu. — Por volta do meio-dia comi parte de um bolo seco que o Will comprou numa máquina de venda automática.

— A última refeição *a sério* — tornou Sara.

— Por volta das oito da noite, ontem.

Sara calculou, pela expressão de culpa no rosto de Faith, que a refeição devia ter saído de alguma embalagem de takeaway.

— Bebeu café esta manhã?

— Talvez meio copo. O cheiro era demasiado intenso.

— Com açúcar e natas?

— Não, simples. Normalmente tomo um bom pequeno-almoço, com fruta e iogurte. Depois de ir correr. Há algum problema com a minha glicemia?

— Vamos ver — respondeu Sara, pressionando o dedo para pôr sangue na tira de teste. Mary ergueu uma sobrancelha, como se perguntasse se Sara queria apostar em qual seria o número. Sara abanou a cabeça: *não apostaria*. Mary insistiu, usando os dedos para indicar os números de um a cinco.

— Pensei que só fizessem o teste mais tarde — comentou Faith, parecendo pouco segura de si. — Quando nos fazem beber aquela coisa açucarada.

— Alguma vez teve problemas de glicemia? Há algum caso na sua família?

— Não. Nenhum.

O monitor apitou e o número 152 apareceu no ecrã.

Mary assobiou baixinho, impressionada pela sua própria certeza. Sara perguntara-lhe uma vez por que motivo não fora para Medicina e teve como resposta que são os enfermeiros que exercem a medicina a sério.

— Tem diabetes — disse Sara a Faith.

Os lábios de Faith mexeram-se antes de deixarem sair um «O quê?» muito débil.

— Penso que terá sido pré-diabética durante algum tempo. O seu colesterol e os níveis de triglicéridos são extremamente elevados. A sua pressão arterial é um pouco alta. A gravidez e o aumento tão rápido de peso (quatro quilos e meio é muito para nove semanas) e os seus maus hábitos alimentares trataram do resto.

— A minha primeira gravidez correu bem.

— Mas agora é mais velha. — Sara deu-lhe um toalhete de papel para pressionar o dedo e fazer estancar o sangue. — Quero que fale com o médico que a segue logo de manhã. Precisamos de ter a certeza de que não há mais nenhum problema por aqui. Entretanto, tem de controlar a sua glicemia. Se não o fizer, desmaiar no parque de estacionamento vai passar a ser o menor dos seus problemas.

— Talvez seja... Eu não tenho andado a comer bem e...

Sara interrompeu-lhe a tentativa de negação:

— Tudo o que seja acima de 140 é um diagnóstico positivo de diabetes. E o seu número até já subiu desde que fizeram a primeira análise.

Faith demorou alguns instantes a pensar no assunto, antes de perguntar:

— E vai ficar assim?

A pergunta devia ser respondida por um endocrinologista, mas Sara optou por responder:

— Terá de falar com o seu médico; ele vai mandar fazer mais exames.

— Se tivesse de fazer uma estimativa, Sara poderia dizer que Faith se encontrava numa situação muito precária. Além da gravidez, seria agora uma doente com a diabetes completamente desenvolvida. Olhou para o relógio. — Eu dar-lhe-ia entrada esta noite para ficar em observação mas,

quando acabássemos e lhe arranjassemos um quarto, o consultório do seu médico já estaria aberto, e há qualquer coisa que me diz que, de qualquer modo, também não ficaria aqui muito tempo. — Sara já passara tempo suficiente com polícias para saber que Faith sairia pela porta fora assim que tivesse oportunidade de o fazer.

E continuou:

— Tem de me prometer que a primeira coisa que vai fazer amanhã de manhã é telefonar ao seu médico. E tem de ser mesmo a primeira coisa. Vamos chamar um enfermeiro-educador que lhe vai dizer como irá analisar o seu próprio sangue e como e quando é que se deve injetar, mas vai ter de falar com o médico de imediato.

— Vou ter de dar injeções a mim própria? — O tom de voz de Faith alterou-se, em sinal de alarme.

— Os medicamentos por via oral não estão aprovados para uso em grávidas. É por isso que tem de falar com o seu médico. Há muitas coisas neste caso que terão de ser feitas por tentativas. O seu peso e os seus níveis hormonais vão alterar-se à medida que a gravidez avançar. O seu médico vai ser o seu melhor amigo durante os próximos oito meses, pelo menos.

Faith pareceu ficar embaraçada.

— Não tenho um médico assistente.

Sara tirou do bolso o livro de receitas e escreveu o nome de uma mulher com quem trabalhara como interna vários anos antes.

— A Dra. Delia Wallace trabalha em Emory. Tem uma dupla especialização em ginecologia e em endocrinologia. Vou telefonar-lhe esta noite para lhe dizer que a vai procurar.

Faith olhou para ela, parecendo pouco convencida.

— Mas como é que de repente fiquei assim? Sei que aumentei de peso mas não sou gorda.

— Não tem nada que ver com isso — replicou Sara. — É mais velha. O bebé afeta-lhe as hormonas e a sua capacidade de produzir insulina. Não anda a comer bem. As estrelas alinharam-se todas e o efeito desencadeou-se.

— A culpa é do Will — murmurou Faith. — Ele come como se tivesse 12 anos. Donuts, pizzas, hambúrgueres. Não pode entrar numa bomba de gasolina, que vem logo carregado de *nachos* e um cachorro-quente.

Sara sentou-se de novo na beira da cama.

— Faith — fez notar —, isto não é o fim do mundo. Está em boa forma. Tem um bom seguro de saúde. Pode lidar com isto.

— E se... — Faith empalideceu e desviou os olhos. — E se eu não estivesse grávida?

— Não estamos a falar de diabetes gestacional. É diabetes completamente desenvolvida, do tipo 2. O problema não se vai embora de repente, se abortar — respondeu Sara. — Ouça, isto é uma coisa que já devia andar a desenvolver-se há algum tempo. A gravidez fez com que se manifestasse mais depressa. As coisas vão ser mais complicadas de início, mas não serão impossíveis de resolver.

— Eu só... — Faith nem parecia capaz de terminar uma frase.

Sara fez-lhe uma festa na mão e levantou-se.

— A Dra. Wallace é uma excelente médica a diagnosticar. E eu sei que ela aceita o plano de seguro de saúde do município.

— Do estado — corrigiu Faith. — Estou no GBI¹.

Sara pensou que o plano de saúde do GBI fosse semelhante, mas não disse nada. Faith continuava ainda a digerir a notícia e Sara não lha comunicara com suavidade. Mas agora também já não podia voltar atrás. Deu-lhe uma palmada afetuosa no braço e avisou-a:

— A Mary vai dar-lhe uma injeção. Não tarda nada já se sentirá bem.

— Ao sair deteve-se. — Estava a falar a sério quanto a telefonar à Dra. Wallace — acrescentou, com firmeza. — Quero que a primeira coisa que faça amanhã de manhã seja telefonar para o consultório dela e tem de começar a comer mais coisas além de bolos secos. Poucos hidratos de carbono, poucas gorduras, refeições e snacks regulares e saudáveis. Está bem?

Faith acenou afirmativamente com a cabeça, ainda emudecida, e Sara saiu da sala a sentir que fora terrivelmente má e antipática. O modo de acompanhar os doentes fora-se deteriorando ao longo dos anos, mas nunca chegara tão baixo. E não terá sido por esse anonimato que viera para Grady? Salvo um punhado de homens sem-abrigo e de prostitutas, raramente via um doente mais do que uma vez. Fora isso que mais a estimulava — a distância absoluta. Não se encontrava numa fase da sua vida em que quisesse criar ligações com outras pessoas. Cada nova ficha que lhe aparecia era uma oportunidade de começar tudo de novo. Se Sara tivesse sorte — e se Faith Mitchell fosse cuidadosa —, nunca mais se encontrariam, provavelmente.

Em vez de regressar à sala dos médicos para acabar de rever as fichas, passou pelo balcão de enfermagem, atravessou as portas duplas e depois

¹ O Bureau de Investigação da Geórgia, ou Georgia Bureau of Investigation (GBI), é o órgão de investigação criminal do estado norte-americano da Geórgia. [N. do T.]

a sala de espera sobrelotada e chegou finalmente ao exterior. Havia alguns terapeutas da respiração à porta a fumarem, por isso, Sara foi até às traseiras do edifício. Ainda sentia nos ombros o peso da culpa do que se passara com Faith Mitchell e procurou o número de Delia Wallace no telemóvel antes que se esquecesse. O serviço de atendimento tomou conta da mensagem relativa a Faith e Sara sentiu-se um pouco melhor ao terminar a chamada.

Encontrara Delia Wallace alguns meses antes, quando esta viera ver um dos seus doentes ricos, que fora aerotransportado para Grady depois de um acidente rodoviário bastante grave. Delia e Sara haviam sido as únicas mulheres entre os cinco por cento dos finalistas com melhores classificações da Faculdade de Medicina da Universidade de Emory. Nessa altura parecia vigorar uma norma não escrita segundo a qual só havia duas opções para as mulheres que se formavam em Medicina: ginecologia ou pediatria. Delia escolheu a primeira, e Sara a segunda. Dentro de um ano fariam ambas 40 anos. Delia parecia ter tudo. Sara sentia-se como se nada tivesse.

A maioria dos médicos — incluindo Sara — acabava por ser arrogante de alguma forma, mas Delia fora sempre capaz de se autopromover, a si e aos pormenores da sua vida, bastante entusiasticamente. Enquanto bebiam o café na sala dos médicos, Delia contou-lhe rapidamente o que havia de mais importante na sua vida: uma carreira em expansão já com dois consultórios, um marido corretor da bolsa e três filhos que obtinham sempre as melhores notas. E mostrou a Sara as fotografias de todos, uma família tão perfeita — pareciam tirados de um anúncio da *Ralph Lauren*.

Sara não falara a Delia da sua própria vida depois de ter saído da faculdade nem do regresso a Grant, onde nascera, para tratar de crianças de zonas rurais. Também não lhe falara de Jeffrey nem do motivo que a trouxera de volta a Atlanta ou porque é que trabalhava em Grady quando podia abrir o seu próprio consultório e conseguir ter alguma coisa que se parecesse com uma vida normal. Limitara-se a encolher os ombros e a responder: «Vim cá parar.» Delia ficou a olhar para ela com um misto de decepção e de satisfação de quem se sente vingada. As duas emoções provinham do facto de Sara lhe ter passado sempre à frente durante o tempo passado em Emory.

Sara abotoou-se até ao queixo para suportar melhor o frio e enfiou as mãos nos bolsos. Sentiu o toque da carta nas costas da mão enquanto passava pela zona das descargas. Oferecera-se para fazer um turno extra nessa manhã, obrigando-se a trabalhar durante quase dezasseis horas

para poder ter o dia seguinte livre. A fadiga abateu-se sobre ela com a mesma intensidade do ar da noite e Sara deixou-se ficar de mãos nos bolsos, saboreando o ar relativamente livre dos seus pulmões. Conseguiu cheirar a chuva por entre o cheiro dos tubos de escape e do que quer que estivesse a atafulhar o contentor do lixo. Talvez conseguisse dormir nessa noite. Dormia sempre melhor quando chovia.

Olhou para o tráfego da autoestrada. A hora de ponta estava a terminar e havia homens e mulheres que regressavam a casa, para junto da família, a caminho das suas vidas. Sara encontrava-se naquilo a que as informações de trânsito chamavam «Curva de Grady», que formava um arco na autoestrada, para se referirem a qualquer problema na via que descia para a baixa. As luzes vermelhas de stop brilhavam enquanto um reboque tirava um SUV avariado da berma esquerda. Carros da Polícia bloqueavam a zona com as luzes azuis a rodopiarem, iluminando a escuridão com um clarão fantasmagórico. Fizeram-na lembrar-se da noite em que Jeffrey morrera — a azáfama dos polícias, a entrada em cena dos investigadores estaduais, a cena examinada ao pormenor por dezenas de homens em fatos e botinhas brancas.

— Sara?

Sara voltou-se. Mary acenava-lhe da porta aberta, para que regressasse, a dizer-lhe:

— Depressa!

Sara correu para a porta, atenta ao ponto de situação que Mary lhe fazia:

— Acidente de carro, com peão. O Krakauer ficou com o motorista e com o passageiro, possíveis lesões múltiplas no condutor. A mulher que foi atropelada é para si. Fraturas expostas no braço e na perna direita. Polícia no local. Talvez violação e tortura. Quem assistiu era paramédico, por acaso. Fez o que pôde, mas a situação é grave.

Sara ficou a pensar que percebera mal:

— Ela foi violada e atropelada?

Mary não lhe explicou. A mão dela colara-se ao braço de Sara enquanto corriam corredor fora. A porta para a triagem ficara aberta. Sara viu a maca e três paramédicos à volta da paciente. Todas as pessoas que ali se encontravam eram homens, incluindo Will Trent, que se curvava para a mulher na maca, a tentar interrogá-la:

— Pode dizer-me o seu nome?

Sara estacou junto à maca, com a mão de Mary ainda a agarrar-lhe o braço. A mulher ficara deitada de lado, enroscada em posição fetal. Estava

presa à maca com adesivo cirúrgico e trazia talas pneumáticas no braço direito e na perna direita. Tinha os olhos abertos, batia os dentes e murmurava palavras incompreensíveis. Um casaco dobrado amparava-lhe a cabeça e um colar cervical mantinha-lhe o pescoço direito. A face era uma mistura de terra e de sangue. Um adesivo ia desde a face até ao cabelo preto. Tinha a boca aberta e sangrava dos lábios feridos. O lençol com que a haviam tapado fora afastado, revelando a face lateral do seio aberta por uma ferida tão profunda que até se via a gordura amarelada do interior.

— Minha senhora — disse Will. — Está ciente da sua situação?

— Afaste-se — ordenou-lhe Sara, empurrando-o com mais força do que queria. O homem vacilou, chegando a perder por instantes o equilíbrio. Mas Sara não se importou. Vira-lhe o pequeno gravador digital na mão e não gostara do que ele estava a tentar fazer.

Calçando as luvas, Sara ajoelhou-se, dizendo à mulher:

— Sou a Dra. Linton. Está no Hospital de Grady e vamos tratar de si.

— Ajudem-me... ajudem-me... ajudem-me... — disse ela, como se entoasse um cântico, a tremer tanto, que a maca de metal até chocalhava. Os olhos perdiam-se no espaço, sem expressão, ociosos. Era dolorosamente magra, com uma pele escamosa e seca. — Ajudem-me...

Sara fez-lhe uma festa na cabeça, o mais delicadamente que pôde.

— Está aqui muita gente e vamos todos ajudá-la. Aguentem-se só um bocadinho, sim? Agora está em segurança. — Sara levantou-se, apoiando muito ao de leve a mão no ombro da vítima para lhe indicar que não ficara sozinha. Viu mais duas enfermeiras, à espera de ordens. — Alguém que me faça o resumo do que aconteceu — pediu.

Sara dirigira o pedido aos paramédicos do serviço de emergência, mas o homem que ficara no outro lado, mesmo diante dela, começou a falar, transmitindo-lhe num tom rápido e cadenciado os pormenores do estado da mulher e da observação feita na vinda para o hospital. Vestia à civil, com roupas cobertas de sangue e devia ser o transeunte que ajudara no local.

— Ferida perfurante entre as costelas números 11 e 12. Fraturas expostas no braço direito e na perna direita. Sinais de contusão, sem ferida, na cabeça provocada por um objeto contundente — explicou, com uma voz que se ia enchendo de pânico. — Apresentava-se inconsciente quando chegámos, mas recuperou a consciência quando comecei a tratar dela. Não conseguimos deitá-la de costas. Continuava a gritar. Tivemos de a meter na ambulância e foi por isso que a imobilizámos. Não sei o que se passa com... Não sei o que...

O homem engoliu em seco, como se reprimisse as lágrimas. A sua angústia era contagiosa. O ar ficara carregado de adrenalina, o que era compreensível atendendo às condições da vítima. A própria Sara sentiu um assomo de pânico, incapaz de perceber os danos infligidos no corpo, as múltiplas feridas, os sinais óbvios de tortura. Já havia mais do que uma pessoa com as lágrimas nos olhos.

Sara procurou uma voz o mais calma possível, tentando atenuar o ambiente de histeria e baixá-lo para um nível mais aceitável. Disse aos paramédicos e ao transeunte que podiam ir-se embora, acrescentando:

— Obrigada, meus senhores. Fizeram tudo o que puderam para a trazerem para aqui. Vamos evacuar a sala para termos espaço para continuarmos a ajudá-la. — Voltou-se para Mary. — Vamos pô-la a soro e prepare um cateter venoso central, à cautela. — Voltou-se depois para outra enfermeira. — Traga para aqui um aparelho de raios X portátil, telefone para a Radiologia para fazerem uma TAC e ponha de prevenção a Cirurgia. Vamos fazer a análise de gases sanguíneos, um exame toxicológico, painel metabólico e hemograma e um painel de coagulação.

Cautelosamente encostou o estetoscópio às costas da mulher, tentando não se concentrar nas marcas das queimaduras e nos cortes entrecruzados na carne. Escutou o som dos pulmões, sentindo as saliências fortes das costelas contra os dedos. A respiração era regular, mas não tão forte como seria de desejar, talvez devido à grande quantidade de morfina que lhe haviam dado na ambulância. O pânico tornava muitas vezes indistinta a fronteira entre a ajuda e o entrave.

Sara voltou a ajoelhar-se. Os olhos da mulher ainda se mantinham abertos e os dentes ainda batiam.

— Se tiver alguma dificuldade em respirar, diga-me e eu socorro-a de imediato — disse-lhe. — Pode ser? Consegue fazer isso? — Não teve resposta, mas Sara continuou a falar, anunciando-lhe cada pormenor do que ia fazer e explicando-lhe porquê. — Vou examinar as suas vias respiratórias para ter a certeza de que pode continuar a respirar. — Pressionou ligeiramente o maxilar. Os dentes eram de um cor-de-rosa avermelhado, indicando que havia sangue na boca, mas Sara calculou que pudesse ser por ter mordido a língua. No rosto apresentava arranhões profundos, como se fossem provenientes de garras. Sara pensou que poderia ser necessário intubá-la e imobilizá-la por completo e esta poderia ser a última oportunidade que ela teria de falar.

E era por isso que Will Trent não se ia embora. Havia inquirido a vítima sobre a sua situação para preparar o quadro para uma declaração

que fizesse antes de morrer. A vítima teria de saber que estava a morrer antes de as suas últimas palavras poderem ser aceites em julgamento sem serem consideradas um depoimento baseado em rumores. Encostado à parede, Trent continuava de ouvido atento a cada palavra que era dita na sala, testemunhando o que se passava para o caso de ter de prestar depoimento.

— Minha senhora, consegue dizer-me o seu nome? — inquiriu Sara, fazendo uma pausa ao ver que os lábios da mulher se mexiam sem que deles saíssem palavras. — Só o primeiro nome, pode ser? Vamos começar com uma coisa fácil.

— Aaa... aaa...

— Anne?

— Na... na...

— Anna?

A mulher fechou os olhos e acenou com a cabeça num movimento muito leve. A respiração tornara-se menos profunda devido ao esforço.

— E que tal o apelido? — prosseguiu Sara.

A mulher não respondeu.

— Muito bem, Anna. Tudo bem. Continue aqui connosco. — Sara olhou de relance para Will Trent, que lhe agradeceu, silenciosamente, com um aceno de cabeça. Sara voltou-se para a doente, examinando-lhe as pupilas, Tateando-lhe o crânio à procura de fraturas. — Tem sangue nos ouvidos, Anna. Levou uma pancada forte na cabeça. — Sara pegou numa compressa molhada e passou-a pelo rosto da mulher para retirar parte do sangue seco. — Sei que ainda está aqui connosco. Agente-se mais um pouco, faça isso por mim.

Cuidadosamente, Sara percorreu com os dedos o percurso entre o pescoço e o ombro, sentindo a clavícula a mexer-se. Continuou para baixo, com suavidade, verificando os ombros à frente e atrás e depois as vértebras. A mulher mostrava-se dolorosamente subalimentada, com os ossos muito salientes e o esqueleto em evidência. Exibia rasgões na pele, como se nela se tivessem cravado farpas ou ganchos, arrancados de repente. Havia cortes superficiais para cima e para baixo, ao longo do corpo, e a longa incisão no seio parecia já ter o cheiro de infeção. Devia estar assim há dias.

— O soro já está — disse Mary.

— Vê a lista telefónica dos médicos junto do telefone? — perguntou Sara a Will Trent, que acenou afirmativamente com a cabeça. — Chame o Phil Sanderson pelo *pager*. Diga-lhe que precisamos dele aqui em baixo imediatamente.

O homem hesitou e replicou:

— Vou procurá-lo.

— É mais fácil chamá-lo — sugeriu Mary. — Extensão 392. — Prendeu com adesivo o tubo intravenoso às costas da mão da vítima. — Quer dar-lhe mais morfina? — perguntou a Sara.

— Vamos primeiro descobrir o que se passa com ela — respondeu Sara, tentando examinar o tronco da mulher sem a querer mover até saber com precisão com o que lidava. Havia um buraco aberto no flanco esquerdo, entre as costelas números 11 e 12, o que poderia justificar o facto de ela ter gritado quando a tentaram endireitar. Esticar e apertar músculo e cartilagens dilacerados teria sido insuportável.

Os paramédicos haviam posto um conjunto de compressão na perna e no braço direitos, juntamente com as duas talas pneumáticas, para manterem os membros estabilizados. Sara levantou a ligadura esterilizada da perna e viu o branco do osso. Sentiu a pélvis instável. Estas feridas eram recentes. O carro devia ter atingido Anna pela direita, fazendo-a dobrar-se pelo meio do corpo.

Tirando uma tesoura do bolso, Sara começou a cortar o adesivo que a mantinha imobilizada na maca, explicando-lhe:

— Anna, vou deitá-la de costas. — Debruçou-se sobre a mulher, segurando-a pelo pescoço e pelos ombros enquanto Mary se ocupava da pélvis e das pernas. — Vamos manter-lhe as pernas dobradas mas temos de...

— Não... Não... Não! — suplicou a mulher. — Por favor, não! Por favor, não!

Mas Sara e Mary continuaram a movê-la e a boca dela abriu-se mais, com gritos que fizeram subir um arrepio gelado pela coluna de Sara. Nunca ouvira nada de tão horrível na vida.

— Não! — berrou ela, até se calar de repente. — Não! Por favor! NÃÃO! — E de repente foi dominada por convulsões violentas. Sara inclinou-se para ela e, com o próprio corpo, prendeu o corpo de Anna contra a maca, impedindo-a de cair para o chão. Ouvia os gemidos da mulher a cada convulsão, quando cada movimento começou a ser como uma facada de dor na zona afetada.

— Cinco miligramas de *Ativan* — pediu Sara, esperando conseguir controlar as convulsões. — Fique comigo, Anna — disse à mulher, num tom de vez urgente. — Fique comigo!

Mas as palavras de Sara já não serviam para nada. A mulher perdera a consciência, devido às convulsões ou à dor. Muito depois de a droga já estar a fazer efeito, os músculos ainda se contraíam em espasmos

violentos, com as pernas a agitarem-se e a cabeça a abanar de um lado para o outro.

— Já chegou o aparelho de raios X portátil — anunciou Mary, dizendo ao técnico de radiologia para entrar. — Vou ver do Sanderson e do Bloco.

O radiologista levou a mão ao peito.

— Sou o Macon.

Sara cumprimentou-o da mesma maneira e disse-lhe:

— Sou a Sara. Eu dou-lhe uma ajuda.

O técnico estendeu-lhe o avental de chumbo que levava a mais e começou a preparar a máquina enquanto Sara pousava a mão na testa de Anna, afastando o cabelo negro. Os músculos dela ainda se contorciam quando Sara e Macon a conseguiram posicionar de costas, com as pernas arqueadas para a ajudar a controlar a dor. Sara reparou que Will Trent ainda se encontrava na sala e disse-lhe:

— Tem de sair daqui enquanto fazemos isto.

Sara ajudou Macon a tirar as radiografias, ambos movendo-se o mais rapidamente que conseguiam. Tinha a esperança de que a paciente não acordasse e começasse de novo a gritar. Ainda se podia ouvir o som dos seus gritos, quase como um animal apanhado numa armadilha. O som era suficiente para suportar a convicção de que a mulher sabia que ia morrer. Ninguém gritava assim a não ser que tivesse perdido toda a esperança de vida.

Macon ajudou Sara a virar a mulher e depois foi revelar as radiografias. Sara tirou as luvas e ajoelhou-se de novo ao lado da maca. Passou a mão pelo rosto de Anna, acariciando-lhe a face. «Desculpe tê-lo empurrado há bocado», disse. Não para Anna, mas para Will Trent. Quando se voltou, viu-o aos pés da cama, a olhar para as pernas e para as plantas dos pés da mulher. Cerrara os maxilares e Sara não sabia se seria de cólera ou de horror, ou das duas coisas.

— Temos ambos trabalho para fazer — disse-lhe ele.

— Mesmo assim.

Will estendeu a mão, delicadamente, e tocou na planta do pé direito de Anna, talvez por pensar que poderia não haver nenhum outro ponto onde lhe pudesse tocar que não lhe causasse dor. Sara ficou surpreendida com o gesto. Parecia quase carinhoso.

— Sara? — Phil Sanderson entrou, com a sua bata cirúrgica impecavelmente limpa e sem vincos.

Sara levantou-se, deixando as pontas dos dedos a tocar suavemente no ombro de Anna enquanto respondia a Phil:

— Temos duas fraturas expostas e a pélvis esmagada. O seio direito apresenta uma incisão profunda e há uma ferida funda no lado esquerdo. Quanto à condição neurológica, não tenho a certeza. As pupilas não reagem, mas ela falava e o que dizia era coerente.

Phil aproximou-se do corpo e começou a examiná-lo. Não fez comentários sobre o estado da vítima e sobre os maus-tratos que sofrera. Concentrava-se no que podia resolver: as fraturas expostas, a pélvis fraturada.

— Não a intubaste?

— As vias respiratórias estão desobstruídas.

Era evidente que Phil discordava da sua decisão mas, em geral, os cirurgiões ortopédicos não se ralavam muito com a possibilidade de os seus doentes poderem falar.

— E o coração?

— Forte. A frequência cardíaca é boa. E ela está estável.

A equipa cirúrgica de Phil entrou, para preparar o corpo para o transporte. Mary regressou com as radiografias e entregou-as a Sara.

— Anestesiá-la pode ser o suficiente para a matar — disse Phil.

Sara prendeu as radiografias na mesa de luz.

— Não penso que ela estaria aqui se não fosse uma lutadora.

— O seio tem uma infeção. Parece que...

— Eu sei — interrompeu Sara, pondo os óculos para estudar as radiografias.

— A ferida que tem no lado esquerdo parece muito precisa — acrescentou Phil. Disse à equipa para parar e curvou-se, examinando o golpe comprido feito na pele. — Foi arrastada pelo carro? Houve alguma coisa metálica que a tivesse aberto?

Foi Will Trent quem respondeu:

— Tanto quanto sei, o choque foi direto. Ela foi apanhada no meio da estrada.

— Havia alguma outra coisa que pudesse ter causado esta ferida? Está muito limpa.

Will hesitou, interrogando-se se o homem compreenderia o que ela passara antes de ser apanhada pelo carro. E depois respondeu:

— A zona é muito arborizada, quase toda rural. Ainda não falei com as testemunhas. O homem que ia ao volante queixou-se de algumas dores no peito, no local.

Sara voltou a sua atenção para a radiografia do tronco. Ou havia qualquer coisa errada ou ela andava mesmo mais cansada do que pensava. Contou as costelas por já não confiar muito no que via.

Will pareceu aperceber-se da sua confusão e perguntou-lhe:

— Que se passa?

— A costela número 11 — respondeu Sara. — Foi retirada.

— Retirada como? — perguntou Will.

— Cirurgicamente não foi.

— Que ridículo! — exclamou Phil. — Aproximou-se, debruçando-se sobre a radiografia. — Provavelmente é... — Levantou a segunda radiografia do peito, a ântero-posterior, e depois a lateral. Curvou-se ainda mais, semicerrando os olhos como se isso ajudasse. — O raio da coisa não pode limitar-se a cair do corpo. O que é feito dela?

— Vê. — Sara passou o dedo ao longo da sombra irregular onde antes a cartilagem segurara o osso. — Não desapareceu — disse. — Foi levada.

DOIS

Will partiu para o local do acidente no *Mini* de Faith Mitchell, com os ombros encolhidos e a parte de cima da cabeça pressionada contra o teto. Não quis perder tempo a tentar ajustar o banco quando levara Faith para o hospital e muito menos agora que ia a caminho da cena de um dos mais horríveis crimes que já vira. O carro aguentava-se bem nas estradas secundárias e Will seguiu pela Estrada 316 bem acima do limite de velocidade. A larga distância entre os eixos do *Mini* fazia com que o carro se agarrasse bem a cada curva, mas Will ia levantando o pé do acelerador à medida que se distanciava da cidade. O arvoredo tornava-se mais denso, a estrada mais estreita e Will depressa deu por si numa zona onde não era invulgar que um veado ou um gambá se atravessassem na estrada.

Ia a pensar na mulher: a pele rasgada, o sangue, as feridas no corpo. Desde que vira os paramédicos com ela na maca a percorrerem o corredor do hospital que Will percebera que os ferimentos lhe haviam sido causados por uma pessoa mentalmente muito perturbada. A mulher fora torturada. Alguém se ocupara dela durante algum tempo — alguém com grande prática nas artes da dor.

A mulher não caíra do céu aos trambolhões. As plantas dos pés tinham cortes recentes e sangravam devido à caminhada pela floresta. Estavam escuras da sujidade, e uma agulha de pinheiro cravara-se na carne mais mole do arco do pé. Fora mantida em qualquer sítio e depois, de algum modo, conseguira arranjar maneira de fugir. Devia ter sido mantida num local perto da estrada e Will ia encontrar esse local, nem que isso lhe demorasse a vida toda.

Percebeu que pensava numa «ela» quando já se sabia o nome da vítima. Anna. Parecido com Angie, o nome da mulher com quem Will se

casara. Como Angie, também tinha o cabelo e os olhos escuros. O tom da pele era cor de azeitona e na parte de trás da perna, pouco abaixo do joelho, tinha um sinal como o de Angie. Will interrogou-se se seria alguma coisa que as mulheres de pele cor de azeitona tivessem tendência a ter: uma verruga na parte de trás da perna. Podia ser algum tipo de marca que fizesse parte do kit genético, juntamente com o cabelo e os olhos escuros. A médica talvez soubesse.

Lembrou-se das palavras de Sara Linton, enquanto ela examinava a pele rasgada, os arranhões de unhas em redor do buraco aberto no flanco da vítima: «Ela devia estar consciente quando a costela lhe foi retirada.»

Will até estremeceu. Já vira as obras de muitos sádicos ao longo da sua carreira como agente da lei, mas nada de tão doentio como isto.

O telemóvel tocou e Will teve de se esforçar para meter a mão no bolso sem bater no volante e atirar o *Mini* para a valeta. Abriu o telemóvel com todo o cuidado. A tampa de abrir ficara rachada há vários meses, mas havia conseguido unir as peças com supercola, fita adesiva e cinco arames que faziam de dobradiça. Apesar disso, precisava de ser cuidadoso para a coisa não se desfazer na sua mão.

— Will Trent — disse.

— É a Lola, querido.

Will sentiu o sobrolho a franzir-se. A voz dela trazia consigo o som ranhoso de alguém que fumava dois maços de cigarro numa hora.

— Quem?! — perguntou.

— És o irmão da Angie, certo?

— Marido — corrigiu Will. — Quem fala?

— É a Lola. Sou uma das reparigas dela.

Angie atualmente prestava serviço como freelancer em várias agências de detetives mas, na Polícia, trabalhara nos Costumes durante mais de uma década. E ocasionalmente Will recebia telefonemas de algumas mulheres com quem ela andara nas ruas. Precisavam todas de ajuda e todas elas iam parar à prisão, onde usavam o telefone público para lhe telefonarem. A ele.

— O que é que quer? — perguntou.

— Não precisas de ser bruto comigo, querido.

— Ouça, há oito meses que eu não falo com a Angie. — Por acaso, a relação entre ambos ficara tão abalada como o telemóvel e na mesma altura. — Não a posso ajudar.

— Estou inocente — garantiu Lola. Riu-se, como se tivesse dito uma piada, depois tossiu e depois tossiu ainda mais. — Fui apanhada com

um pó branco desconhecido que só guardava comigo a pedido de uma pessoa amiga.

As raparigas conheciam as leis melhor do que muitos polícias e eram especialmente cuidadosas quando usavam o telefone público da prisão.

— Arranje um advogado — aconselhou Will, acelerando para ultrapassar o carro que o precedia. Os relâmpagos, no céu, iluminaram a estrada. — Não a posso ajudar.

— Tenho informações para troca.

— Dê-as ao seu advogado. — O telemóvel apitou e Will reconheceu o número de telefone da sua chefe. — Tenho de desligar. — E desligou, atendendo a outra chamada, antes de a mulher poder dizer mais alguma coisa. — Will Trent.

Amanda Wagner respirou fundo e Will preparou-se para a rajada de palavras.

— Que raio é que anda a fazer, deixando a sua parceira no hospital e indo à caça de gambosinos num caso em que não só não temos jurisdição, como ninguém nos pediu para intervir, e num condado, se posso acrescentar, onde não temos exatamente boas relações?!

— Pediram-nos ajuda — garantiu Will.

— A sua intuição feminina não está a impressionar-me esta noite, Will.

— Quanto mais tempo deixarmos os locais a tentarem perceber o que se passa, mais a pista arrefece. Este não foi o primeiro caso do nosso raptor, Amanda. Não foi um simples exercício.

— Rockdale trata disso — decidiu Amanda, referindo-se ao condado que detinha a jurisdição sobre a zona onde ocorrera o acidente. — E eles sabem o que fazem.

— Já estão a mandar parar os carros e a procurar veículos roubados?

— Eles não são completamente estúpidos.

— Olhe que são — insistiu Will. — Isto não foi apenas uma pessoa que foi largada num sítio qualquer. Ela foi mantida presa nessa zona e conseguiu fugir.

Amanda calou-se por instantes, talvez para dissipar o fumo que lhe devia estar a sair dos ouvidos. Mais à frente, o clarão de um novo relâmpago rasgou o céu e o trovão que se lhe seguiu fez com que Will mal conseguisse ouvir as últimas palavras de Amanda.

— O quê? — perguntou.

Amanda respondeu com brusquidão:

— Qual é a situação da vítima?

Will não pensava em Anna. Lembrava-se, em vez disso, da expressão no olhar de Sara Linton quando levaram a vítima para a cirurgia.

— Não parece ser nada boa.

Amanda suspirou outra vez, mais pesadamente.

— Faça-me um resumo.

Will relatou-lhe os aspetos mais salientes, falando-lhe do aspeto da mulher e dos sinais de tortura.

— Ela deve ter saído do meio das árvores. Tem de haver uma casa algures, uma cabana ou qualquer coisa assim. Não parecia ter andado exposta aos elementos exteriores. Alguém a manteve fechada durante algum tempo, fazendo-a passar fome, violando-a, abusando dela.

— Acha que foi algum campónio que a apanhou?

— Acho que foi raptada — respondeu Will. — Tinha um bom corte de cabelo, dentes muito brancos. nenhuns sinais de que se injetasse. Nem de abandono pessoal. Tem duas pequenas cicatrizes de uma cirurgia plástica nas costas, talvez de uma lipoaspiração.

— Não é, portanto, uma sem-abrigo nem uma prostituta.

— Os pulsos e os tornozelos sangravam por terem sido amarrados. Alguns dos ferimentos no corpo já começaram a cicatrizar, outros eram recentes. E é muito magra, demasiado magra... Isto aconteceu durante mais do que apenas alguns dias... Talvez durante uma semana, duas, no máximo.

Amanda praguejou baixinho. A burocracia ia aumentando. O GBI era para o estado da Geórgia o que o FBI era para o país. O GBI articulava-se com as autoridades policiais locais quando os crimes atravessavam as fronteiras administrativas dos condados, concentrando-se nos casos e não nas disputas territoriais. O estado possuía oito laboratórios criminais, assim como centenas de especialistas de cena do crime e de agentes especiais em serviço, todos a postos para servirem quem pedisse ajuda. O problema era o facto de o pedido de ajuda ter de ser formalmente feito. Havia maneiras de o garantir, mas era necessário recorrer a favores e, por motivos que não se debatiam junto de pessoas com quem se fizesse maior cerimónia, Amanda perdera a sua capacidade de influência em Rockdale alguns meses antes, no decorrer de um caso que envolvia um pai instável que raptara e assassinara os próprios filhos.

Will tentou mais uma vez:

— Amanda...

— Tenho de fazer alguns telefonemas.

— O primeiro pode ser para o Barry Fielding? — perguntou Will, referindo-se ao perito cinotécnico do GBI. — Nem sequer tenho a certeza de

que os locais saibam aquilo em que se estão a meter. Não viram a vítima nem falaram com as testemunhas. O detetive deles nem sequer ainda tinha ido ao hospital quando de lá saí. — Amanda não disse nada e Will aproveitou. — E o Barry vive em Rockdale.

Chegou-lhe ao ouvido um suspiro mais pesado do que os primeiros e Amanda acabou por dizer:

— Muito bem. Tente é não irritar as pessoas mais do que já é habitual. Volte a falar comigo quando tiver alguma coisa que nos permita avançar. — E desligou.

Will fechou o telemóvel e enfiou-o no bolso do casaco quando um novo trovão se fez ouvir. Os relâmpagos voltaram a iluminar o céu e Will abrandou a velocidade, com os joelhos encostados ao tabliê. O plano inicial fora o de conduzir diretamente em direção à Estrada 316 até dar com o local do acidente e depois encontrar o caminho que o levasse à cena do crime. Estupidamente nem calculara que se pudesse deparar com um bloqueio na estrada. Dois carros-patrolha da Polícia de Rockdale cortavam a passagem nas duas faixas, atravessados na estrada de frente um para o outro e à frente de cada um encontravam-se dois agentes fardados de aspeto corpulento. A cerca de 15 metros havia gigantescos holofotes industriais com luzes de xénon a iluminarem um *Buick* com a parte dianteira amolgada. Havia por toda a parte peritos policiais, embrenhados no trabalho meticuloso de recolherem toda a espécie de terra, pedras e vidros que pudessem transportar para o laboratório, para serem analisados.

Um dos polícias veio ter com ele ao *Mini*. Will olhou em redor, à procura do botão que fizesse baixar o vidro, esquecendo-se de que o encontraria na consola central. Quando conseguiu abrir o vidro, já o outro polícia se juntara ao colega. E ambos sorriam. Will percebeu que devia ter uma aparência cómica, enfiado num carro tão pequeno, mas já não havia nada a fazer. Quando Faith desmaiara no parque de estacionamento do tribunal, Will só pensara que era o carro dela que se encontrava mais perto e que seria mais rápido usar o *Mini* para a levar para o hospital.

Apontando o polegar na direção de Atlanta, o segundo polícia disse-lhe:

— O circo fica para aquele lado.

Will sabia que era melhor não tentar tirar a carteira do bolso de trás enquanto ainda se encontrava no carro. Empurrou a porta e saiu desajeitadamente do interior. Quando um novo trovão fez estremecer o ar, olharam todos para cima.

— Sou o agente especial Will Trent — apresentou-se, mostrando a sua identificação aos polícias.

Os dois homens pareceram ficar desconfiados. Um deles afastou-se, a falar para o microfone do rádio preso ao ombro, talvez já em contacto com o chefe deles. Havia alturas em que os policiais locais pareciam ficar satisfeitos por ter o GBI no território deles. Noutras, queriam eram disparar sobre os intrusos.

O polícia à sua frente perguntou-lhe:

— A fatiota é para quê, rapazinho da cidade? Vinha de algum enterro?

Will ignorou a provocação e declarou:

— Estava no hospital quando trouxeram a vítima.

— Temos várias vítimas — respondeu o polícia, obviamente decidido a tornar as coisas mais difíceis.

— A mulher — esclareceu Will. — A que andava na estrada e foi apanhada pelo *Buick* onde seguia um casal idoso. Pensamos que se chama Anna.

O segundo polícia regressou:

— O senhor vai ter de voltar a entrar no carro. Segundo o meu chefe, não possui qualquer tipo de jurisdição aqui.

— Posso falar com o seu chefe?

— Ele calculou que fosse dizer isso. — O homem ofereceu-lhe um sorriso desagradável. — E recomenda que lhe telefone amanhã de manhã, pelas dez ou dez e meia.

Will olhou para os carros-patrolha e depois para a cena do crime.

— Pode dizer-me o nome dele?

O polícia demorou-se, retirando o bloco de apontamentos lentamente, procurando uma esferográfica, pousando-a na página, escrevendo cada letra. Com muito cuidado rasgou a página e entregou-a a Will.

Will examinou as letras por cima dos números, perguntando-lhe:

— Isto é inglês?

— Fierro, parvalhão. É italiano. — O homem olhou para o papel, já na defensiva. — Escrevi bem.

Will dobrou o papel e meteu-o no bolso do colete.

— Obrigado — disse. Não era parvo a ponto de pensar que os polícias regressassem aos seus postos enquanto ele voltava para o *Mini*. E agora já não valia a pena ter pressa. Inclinou-se para a frente e encontrou a alavanca para baixar o banco do condutor, empurrando-o o mais para trás que podia. Ajeitou-se no carro, acenou aos polícias, voltou o carro em três manobras e afastou-se.

A Estrada 316 não fora sempre uma estrada secundária. Antes de ser construída a Autoestrada 20, a 316 fora a principal via de ligação entre Rockdale e Atlanta. Mas agora a maioria dos viajantes preferia a autoestrada, havendo ainda pessoas que a utilizavam em pequenos percursos e com outros objetivos ilegais. No final dos anos 1990 Will estivera envolvido numa operação com agentes à paisana para impedir prostitutas de levarem os seus clientes para o local. Já nessa altura a estrada não era muito recomendável. Que nessa noite dois carros conseguissem aparecer ao mesmo tempo que a mulher já era uma coincidência diabólica. E que ela tivesse conseguido ir para a estrada e atravessar-se no caminho de um deles ainda era mais fantástico.

A não ser que Anna estivesse à espera. Talvez se lançasse para a frente do *Buick* propositadamente. Will aprendera há muito tempo que por vezes era mais fácil fugir do que sobreviver.

Mantendo o *Mini* num andamento lento, começou a procurar um desvio que lhe permitisse voltar. Teve de percorrer cerca de quatrocentos metros até o encontrar. O solo era uma manta esburacada e o carro baixo repercutia todos os solavancos. De vez em quando um relâmpago ainda lhe iluminava as árvores. Da estrada Will não conseguiu avistar casas, nem cabanas em ruínas nem antigos palheiros. Nem qualquer tipo de abrigo temporário. Continuou em frente, usando as luzes brilhantes da cena do crime como guia, parando depois numa posição paralela ao local onde se desenrolava a ação. Puxou o travão de mão e permitiu-se sorrir. O local do acidente ficava a cerca de duzentos metros e as luzes e a atividade tornavam-no parecido com um estádio no meio de uma floresta.

Will tirou a pequena lanterna de emergência do porta-luvas e saiu do carro. O tempo estava a mudar e a temperatura começava a baixar. O meteorologista do telejornal da manhã anunciara céu parcialmente nublado, mas Will previa um dilúvio.

Atravessou a floresta densa a pé, examinando cuidadosamente o terreno à medida que avançava, a procurar qualquer coisa que pudesse parecer fora de sítio. Anna poderia ter passado por ali, ou no terreno idêntico do outro lado da estrada. A questão fundamental era garantir que a cena do crime não ficasse confinada à estrada. Deviam andar pela floresta, à procura, pelo menos num raio de quilómetro e meio. O trabalho não seria fácil. A floresta era cerrada, cheia de ramos baixos e de arbustos que dificultavam a marcha, com árvores caídas e buracos naturais, o que tornava o terreno ainda mais perigoso à noite. Will tentou

orientar-se, interrogando-se sobre a direção em que devia seguir para chegar à Autoestrada 20, onde se encontravam as áreas mais habitadas, mas teve de desistir quando a sua bússola mental começou a andar descontroladamente à roda.

A inclinação do terreno alterou-se, revelando um declive, e apesar da distância, Will pôde ouvir os sons habituais de uma cena de crime — o zumbido elétrico do gerador e dos holofotes, os disparos dos flashes das máquinas fotográficas, os resmungos dos policiais e dos peritos, ocasionalmente interrompidos por gargalhadas surpreendidas.

As nuvens abriram-se por cima da sua cabeça, revelando um jorro de luar que lançou sombras sobre todo o terreno. Pelo canto do olho viu algumas folhas que lhe pareceram remexidas. Agachou-se mas o foco débil da lanterna não o ajudou. As folhas eram mais escuras, mas era impossível dizer se seria por estarem manchadas de sangue ou molhadas da chuva. Mas Will acreditou que alguma coisa ali teria estado, sobre as folhas. A questão era saber se essa coisa teria sido um animal ou uma mulher.

Tentou perceber outra vez onde se encontrava. O local ficava a meio caminho entre o carro de Faith e o *Buick* amolgado imobilizado na estrada. As nuvens voltaram a mover-se e ele tornou a ficar imerso na escuridão. A lanterna escolheu esse momento para entregar a alma ao Criador, com a lâmpada a ficar amarelada, depois castanha e por fim negra. Will bateu com a lanterna na palma da mão, tentando obter só mais um pouco de energia das pilhas.

Mas de repente o foco muito brilhante de uma *Maglite* iluminou tudo num raio de metro e meio.

— Você deve ser o agente Trent — disse um homem. Will levou a mão aos olhos para impedir que a luz lhe queimasse as retinas. O homem demorou-se a baixar a lanterna para o peito de Will. À luz distante da iluminação da cena do crime, parecia a personificação de um balão do desfile do Dia de Ação de Graças da Macy's — bolboso em cima e afunilado ao máximo em baixo. A cabeça de alfinete do homem flutuava-lhe por cima dos ombros e a carne do pescoço gordo esparramava-se por fora do colarinho da camisa.

Considerando a sua dimensão, o homem até parecia deslocar-se com leveza. Will nem o ouvira a abrir caminho pela floresta.

— É o detetive Fierro? — perguntou.

O homem apontou a lanterna para o seu próprio rosto, para Will o poder ver.

— É melhor que me chame «Imbecil» — respondeu —, porque vai ser isso que vai pensar durante o seu solitário regresso a Atlanta.

Will ainda se encontrava agachado. Voltou a olhar para a cena do crime.

— Porque é que não me deixa dar uma espreitadela primeiro? — perguntou.

A luz da lanterna regressou aos olhos de Will. E Fierro retorquiu:

— Você é um cabrãozinho teimoso, não é?

— Pensa que ela foi largada aqui mas não foi.

— Lê os pensamentos dos outros?

— Tem um alerta relativo para todos os carros suspeitos na zona e os seus tipos da cena do crime andam a passar o *Buick* à lupa.

— O alerta é um código 10-38, o que saberia se fosse um polícia a sério, e a casa mais próxima é de um velhote numa cadeira de rodas a cerca de quatro quilómetros daqui. — O desdém do tom de voz de Fierro era mais do que familiar a Will. — Mas eu não vou ter esta conversa consigo, pá. Pire-se da minha cena.

— Eu vi o que lhe fizeram — insistiu Will. — Não a puseram num carro e não a atiraram para a estrada. Ela sangrava por todo o lado. Quem o fez é esperto. Não a poria num carro. Não se arriscaria a deixar pistas. Nem tão pouco a deixaria viva.

— Duas opções. — Fierro levantou os dedos sapudos e contou um e dois. — Ou se vai embora pelos seus próprios pés ou vai de costas pelo chão.

Will ergueu-se, endireitando bem os ombros e mostrando os seus quase dois metros de altura. Olhou para baixo, para Fierro, com ar severo, dizendo-lhe:

— Vamos tentar resolver isto. Estou aqui para ajudar.

— Não preciso da sua ajuda, Gomez. O que eu lhe sugiro é que dê meia-volta, que se meta no seu carrinho de menina e que vá dormir um soninho regalado. Quer saber o que está a acontecer aqui? Leia no jornal.

— Acho que está a referir-se a Lurch — corrigiu Will. — Gomez era o pai².

A testa de Fierro enrugou-se.

— Olhe, a vítima, Anna, deve ter ficado deitada aqui. — Will apontou para as folhas que pareciam pisadas. — Ouviu os carros e foi para

² Lurch é uma personagem vagamente parecida com o monstro de Frankenstein da série televisiva *The Addams Family* (1964–1966). Gomez (interpretado por Raul Julia) era o pai Addams. [N. do T.]

a estrada, para pedir socorro. — Fierro não o mandou calar e Will prosseguiu. — Já tenho uma equipa cinotécnica a caminho. O rasto ainda é fresco, nesta altura, mas vai desaparecer com a chuva. — Como se fosse de propósito, o clarão de um relâmpago iluminou a floresta, logo seguido pelo estrondo de um trovão.

Fierro deu um passo na direção dele.

— Não está a ouvir o que eu digo, *Gomez*. — Fierro bateu com o cabo da lanterna no peito de Will, empurrando-o fisicamente para mais longe da cena do crime. E continuou a fazê-lo, sublinhando cada palavra com um golpe mais forte. — Leve daqui a porra do seu traseiro engravatado de cangalheiro da porra do GBI para dentro do seu carrinho vermelho de brincar e pire-se da porra da minha...

O calcanhar de Will embateu em qualquer coisa sólida. Os dois homens ouviram o ruído e estacaram.

Fierro abriu a boca, mas Will fez-lhe sinal para ficar calado e ajoelhou-se lentamente. Usou as mãos para afastar algumas folhas e deu com o contorno de uma placa de contraplacado que parecia ser quadrada. Num dos cantos havia duas pedras, a assinalar o local.

Ouviram um som sumido no ar, que pouco mais era do que um estalido. Will curvou-se ainda mais para o solo e o som transformou-se em algumas palavras abafadas. Fierro também as ouviu. Puxou da pistola e empunhou-a, mantendo a lanterna encostada ao cano para poder ver o seu alvo. De repente o detetive já não pareceu importar-se com a presença de Will. Em vez disso até agiu como se o encorajasse a afastar a placa de contraplacado e a pôr a cara na linha de fogo.

Quando Will olhou para ele, Fierro encolheu os ombros, como se dissesse: «Quería entrar nisto, não era?»

Will passara o dia no tribunal. A arma ficara em casa, na gaveta da mesa de cabeceira. Fierro tinha um inchaço provocado por bócio no tornozelo ou, então, andaria com uma pistola de reserva aí escondida. Mas não lhe ofereceu a arma e Will não a pediu. Precisaria das duas mãos se ia afastar o contraplacado e sair da frente a tempo. Inspirando, afastou as pedras e depois inseriu os dedos cuidadosamente no chão mole, agarrando a beira da placa. Era de um tamanho padrão, talvez de um por dois metros e com uma espessura de pouco mais de um centímetro. Ao tato a madeira parecia-lhe molhada, o que significava que podia ser ainda mais pesada.

Will olhou para trás, para Fierro, certificando-se de que ele estaria pronto e depois, num movimento rápido, levantou o contraplacado.

À volta do buraco espalharam-se terra e outras coisas enquanto Will se apressava a recuar.

— O que é? — A voz de Fierro era um sussurro rouco. — Vê alguma coisa?

Will esticou o pescoço para ver o que pusera a descoberto. O buraco era fundo e fora escavado grosseiramente. Era uma abertura quadrada de cerca de 80 centímetros de lado que mergulhava diretamente na terra. Will manteve-se agachado enquanto se aproximava mais. Ciente de que estava a oferecer a sua própria cabeça como alvo, olhou de relance lá para dentro, tentando perceber o que os esperava. Mas não conseguia ver até ao fundo. O que descobriu foi uma escada a cerca de um metro da abertura, um objeto improvisado com os pregos cravados de forma irregular sobre tábuas de madeira de aspeto vulgar.

Um relâmpago fez-se ouvir novamente, mostrando o buraco em toda a sua crueza. Era como num desenho animado: uma escada para o Inferno.

— Dê-me a lanterna — sussurrou a Fierro. O detetive já não levantava problemas nesta fase e passou-lhe a *Maglite* para a mão. Will olhou para ele. Fierro abria as pernas, mantendo a arma apontada à abertura, os olhos esbugalhados de medo.

Will voltou a luz para o interior. A caverna parecia ser em forma de L, descendo durante cerca de metro e meio e curvando-se depois para o que devia ser a zona principal. Viam-se pedaços de madeira onde o teto fora escorado. Havia objetos no fundo da escada. Latas. Corda. Correntes. Ganchos. O coração de Will deu um salto ao ouvir um movimento, como se fosse um rastejar, e teve de fazer um esforço para não recuar.

Fierro abriu a boca para perguntar:

— É...?

Will levou o dedo aos lábios, apesar de pensar que o elemento-surpresa já não estava do lado deles. Quem quer que se encontrasse lá em baixo vira o foco da lanterna em movimento. Como se a sua impressão tivesse de ser sublinhada, Will ouviu um som gutural vindo de baixo, que era quase um gemido. Haveria outra vítima lá em baixo? Pensou na mulher que se encontrava no hospital. Anna. Will sabia como ficavam as queimaduras com eletricidade. Manchavam a pele com um pó negro que ficava para sempre. Para toda a vida... quando havia uma vida inteira pela frente.

Will tirou o casaco e atirou-o para trás de si. Estendeu a mão para o tornozelo de Fierro e arrancou-lhe o revólver do coldre. E antes de poder hesitar, meteu as pernas no buraco.

— Porra — silvou Fierro. Olhou por cima do ombro para as dezenas de polícias a 30 metros dali, apercebendo-se sem dúvida de que haveria uma maneira melhor de fazer as coisas.

Will ouviu de novo o som que vinha do interior. Talvez fosse um animal, talvez fosse um ser humano. Desligou a lanterna e enfiou-a na parte de trás das calças. Havia qualquer coisa que talvez devesse ter dito, do género «Diga à minha mulher que a amo.» Mas também não queria dar esse fardo a Angie. Ou essa satisfação.

— Espere! — sussurrou-lhe Fierro. Queria ir buscar apoio.

Will ignorou-o, enfiando o revólver no bolso da frente. Testou cuidadosamente o seu peso na escada instável, com os tacões dos sapatos nos degraus, para poder ver o interior da caverna ao descer. O espaço estreitava-se e os seus ombros eram demasiado largos. Foi obrigado a manter um braço por cima da cabeça para poder caber no buraco. Continuavam a cair bocados de terra em cima dele e sentia as raízes a rasparem-lhe o rosto e o pescoço. A parede ficou-lhe apenas a poucos centímetros do nariz, provocando-lhe uma claustrofobia que Will nunca pensara que podia ter. Sempre que inspirava sentia um sabor a lama no fundo da garganta. Não podia olhar para baixo porque não havia nada para ver e receava que, se olhasse para cima, acabasse por voltar para trás.

O cheiro ficava pior a cada passo — fezes, urina, suor, medo. Talvez o medo proviesse do próprio Will. Anna fugira daqui. Podia ter ferido o seu próprio atacante ao fugir. Talvez o homem estivesse no fundo do buraco, à espera dele, com uma arma de fogo, uma navalha ou uma faca.

O coração batia-lhe com tanta força, que até o sentia na garganta, a sufocá-lo. Sentia o suor a escorrer e os joelhos tremiam tanto, que a descida, passo a passo, se revelava interminável. Finalmente um pé tocou no solo. Will bateu para um lado e para o outro com a ponta do sapato, dando com a corda na base da escada e ouvindo a corrente a chocalhar. Teria de se agachar para entrar, deixando-se desse modo completamente exposto a quem quer que pudesse estar à espera.

Ouviu uma respiração pesada e mais vozes sussurradas. Tinha o revólver de Fierro na mão. Já nem sabia como é que tivera acesso à arma. O espaço era demasiado apertado para ele poder chegar à lanterna, que já lhe caía para dentro das calças. Tentou fazer com que os joelhos se dobrassem mas o corpo não lhe obedecia. A respiração pesada era cada vez mais nítida e Will percebeu que lhe saía da própria boca. Olhou para cima e só viu trevas. O suor turvava-lhe a visão. Prendeu a respiração e agachou-se.

Ninguém disparou. Ninguém lhe cortou a garganta. Ninguém lhe prendeu ganchos aos olhos. Sentiu uma corrente de ar frio. Viria da abertura ou de alguma coisa mesmo diante dele? Estaria alguém à sua frente? Ter-lhe-ia alguém passado a mão pela cara? Ouviu de novo movimento e vozes.

— Não se mexa — conseguiu dizer. Empunhou a pistola, a mão a oscilar para trás e para a frente como um pêndulo para o caso de ter alguém à sua frente. A outra mão, trémula, procurou a lanterna atrás de si. A respiração ofegante regressou, numa nota embaraçosa que ecoava pela caverna.

— Nunca... — murmurou uma voz de homem.

A mão de Will pingava suor, mas conseguiu segurar firmemente o cabo metálico da lanterna. Premiu o botão com o polegar e a luz acendeu-se.

Os ratos assustaram-se — eram três ratazanas enormes, negras e com ventres carnudos e garras afiadas. Duas delas atiraram-se a Will, que recuou, por instinto, embatendo na escada, os pés a enrolarem-se na corda. Cobriu o rosto com as mãos e sentiu as garras aguçadas a cravarem-se-lhe na pele quando os animais fugiram pela escada acima. Will deixou-se tomar pelo pânico, percebendo que largara a lanterna, e agarrou-a rapidamente, varrendo a caverna com a luz, à procura de outros ocupantes.

Deserta.

— Merda... — Will respirou fundo, deixando-se cair no chão. Os olhos cobriram-se de suor. Sentia os braços a latejar onde as ratazanas lhe haviam rasgado a pele. Teve de se obrigar a lutar contra a vontade avassaladora de fugir atrás delas.

Depois de se acalmar, usou a lanterna para ver melhor o local onde se encontrava, afugentando com a luz baratas e outros insetos. Não percebia para onde teria ido a outra ratazana, mas também não a queria ir procurar. A zona principal da caverna alúira, à distância de cerca de um metro dele. Quem concebera a estrutura sabia o que fazia. A pequena derrocada dava-lhe um bom avanço.

Will baixou-se ainda mais, mantendo a luz da lanterna apontada para a frente para não ter mais surpresas. O espaço era maior do que pensara. Escavar aquela divisão devia ter levado semanas, com balde após balde de terra a ir para a superfície, em troca de pedaços de madeira que evitavam que o teto e as paredes cedessem.

Calculou que a zona principal devia ter pelo menos uns três metros de profundidade e cerca de um metro e oitenta de largura. O teto também

ficaria à altura de um metro e oitenta, o que lhe permitiria ficar de pé se dobrasse ligeiramente os joelhos, nos quais, no entanto, ainda não queria confiar. A lanterna não conseguia iluminar tudo ao mesmo tempo e, por isso, o espaço parecia mais acanhado do que era. Se juntasse esse pormenor aos cheiros sinistros e horrendos da mistura do barro vermelho da Geórgia com sangue e excrementos, ficava tudo mais pequeno e ainda mais sinistro.

Encostada a uma parede viu uma cama baixa construída com o que parecia ser madeira reciclada. Por cima havia uma prateleira com alguns objetos: recipientes com água, latas de sopa, instrumentos de tortura que até então só vira em livros. O colchão era fino, com a espuma manchada de sangue a sair pelos rasgões da capa negra que o cobria. À superfície havia pedaços de carne, alguns dos quais já a apodrecer, com vermes que se agitavam como águas revoltas. No chão, junto à cama, amontoavam-se fragmentos de corda em número suficiente para enrolar alguém da cabeça aos pés, quase como se fosse uma múmia. A madeira dos lados da cama parecia ter sido arranhada por unhas. Viam-se agulhas de coser, anzóis de pesca, fósforos. O chão de terra tinha poças de sangue, que corria de debaixo da cama como de uma torneira avariada.

— Disse... — começou uma voz, a que se sobrepôs um som de estática. Numa cadeira branca de plástico, ao fundo, havia um televisor com rádio incorporado. Will manteve-se agachado enquanto se aproximava da cadeira. Olhou para os botões e começou a premi-los até conseguir desligar o rádio, lembrando-se tarde demais de que devia ter calçado as luvas.

Seguiu o fio do televisor e encontrou uma grande bateria marítima. A ficha fora cortada e os fios vermelho e negro tinham sido descarnados antes de ligados aos terminais. Viu outros fios com o cobre exposto. As pontas estavam escurecidas e Will apercebeu-se do cheiro, que lhe era familiar, de uma queimadura elétrica.

— Eh, Gomez! — chamou Fierro, numa voz feita de puro nervosismo.

— Ninguém — retorquiu Will.

Fierro emitiu um som hesitante.

— Estou a falar a sério — afirmou Will. Regressou à abertura, dobrando o pescoço para olhar para o outro homem. — Está vazio.

— Porra! — A cabeça de Fierro desapareceu de vista, mas não antes de Will o ver a levantar a mão para fazer o sinal da cruz.

Will também se sentia capaz de rezar se não saísse rapidamente da caverna. Voltou a luz para a escada e viu os locais onde os seus próprios sapatos haviam pisado as pegadas sangrentas dos degraus. Olhou para

os seus sapatos esfolados e para o chão de terra, dando com mais pegadas sangrentas que também pisara. Encolheu-se e meteu-se na abertura, pondo o pé num degrau, tentando não invadir mais nada. Os peritos forenses não iam ficar nada satisfeitos com ele, mas já não podia fazer nada a não ser pedir desculpa.

E de repente ficou imóvel. Os pés de Anna mostravam vários cortes que eram, no entanto, mais parecidos com os arranhões dolorosos provocados por objetos pontiagudos, como agulhas de pinheiro, cardos ou espinhos. Fora isso que o levava a pensar que Anna andara pelo meio das árvores. Não sangrava o suficiente para deixar pegadas ensanguentadas tão nítidas que até permitiam distinguir no solo as rugas das plantas dos pés. Will deixou-se ficar onde estava, com uma mão por cima da cabeça e um pé no degrau, a pensar.

Suspirou profundamente e depois voltou a agachar-se, examinando com a luz da lanterna cada um dos cantos da caverna. A corda inquietava-o, o modo como ficara presa à volta da cama. Visualizou mentalmente Anna amarrada, a corda a rodeá-la em voltas sucessivas e por baixo da cama, prendendo-lhe o corpo à estrutura de madeira. Puxou uma das cordas de debaixo da cama. A ponta havia sido cortada a direito, tal como a dos restantes fragmentos. Olhou em redor. Onde estaria a faca?

Talvez estivesse com o estafermo da ratazana.

Will levantou o colchão e sentiu náuseas com o cheiro, evitando pensar no que estava a tocar com as mãos nuas. Premiu o punho contra o nariz e arrancou as ripas de madeira que suportavam o colchão, esperando que a ratazana não lhe saltasse para cima para lhe arrancar os olhos. Fez o máximo de barulho que pôde, largando as ripas de madeira no chão. Ouvia um guincho atrás de si e voltou-se, dando com a ratazana encolhida a um canto, com os olhos redondos a refletirem a luz. Will ainda tinha um bocado de madeira na mão e pensou em atirá-lo contra a fera, mas lembrou-se de que a pontaria poderia não ser a melhor num espaço tão estreito. Além de que seria melhor não a irritar.

Pousou a ripa em cima das outras, sem deixar de olhar atentamente para o animal. Houve mais alguma coisa que lhe atraiu a atenção. Havia marcas de arranhões no fundo das ripas da cama — riscos sangrentos e fundos que não pareciam ter sido feitos por um animal. Will enfiou a luz pela abertura existente debaixo da cama. A terra fora escavada a uns 15 centímetros de profundidade, ao longo do comprimento e da largura da cama. Will baixou-se e pegou num dos fragmentos pequenos de corda. Fora cortado como os restantes. Mas, ao contrário dos restantes, o nó ficara intacto.

Will arrancou o resto das ripas. Havia quatro cavilhas de ferro debaixo da cama, uma em cada canto. Uma das pontas da corda estava presa a uma das cavilhas e na corda havia manchas de sangue. Tateou a corda e sentiu-a molhada. Uma coisa afiada arranhou-lhe o polegar. Will aproximou-se ainda mais, esforçando-se por ver o que o arranhara. Com as unhas arrancou o objeto da corda para poder vê-lo mais de perto com a luz da lanterna. Subiu-lhe a bÍlis à garganta quando viu o que tinha na mão.

— Eh! — berrou Fierro. — Gomez? Vem para cima ou quê?!

— Mande vir uma equipa de busca! — retorquiou-lhe Will, roucamente.

— Mas de que é que...?

Will olhou para o pedaço de dente partido que segurava, antes de responder:

— Há outra vítima!

Há três anos e meio, Sara Linton, antiga médica-legista, mudou-se para Atlanta na esperança de deixar para trás o seu passado trágico. A trabalhar agora num hospital, depara-se com uma mulher jovem e gravemente ferida, que a arrasta para um mundo de violência e de terror. A mulher foi atropelada por um carro, mas, completamente nua e brutalizada, dá sinais de ter sido vítima de uma mente muito perturbada.

Quando o agente especial Will Trent se desloca à cena do acidente, descobre uma câmara de tortura enterrada na terra, uma caverna de horrores que revela uma verdade sinistra: a doente de Sara é só a primeira vítima de um assassino sádico e demente.

Arrancando a investigação das mãos do chefe da Polícia local, Will e a sua colega Faith Mitchell mergulham no turbilhão que é a caça ao assassino. Will, Faith e a severa chefe de ambos, Amanda Wagner, são os únicos obstáculos que existem entre um louco e a sua próxima vítima...

«Karin Slaughter é uma das melhores autoras de thrillers da América.»

The Washington Post

Leia também:



Veja o vídeo de apresentação deste livro.

www.topseller.pt

**TOP
SEL
LER**

os livros em primeiro lugar

20/20 editora

ISBN 978-989-8086-53-2



9 789898 086532

Ficção/Policial